Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Notícias relacionadas as obras:

CARTAS D'ÁFRICA - MINHAS MEMÓRIAS DE ESCRITOR – SALIM NA CLARIDADE SABOR DA FOME – JORNADA COM RUPERT- REINVENÇÃO DA INFÂNCIA – ESTRANGEIROS – FANTASIA E (É) REALIDADE OU TREZE TEXTOS SURREAIS

Organização e digitalização:
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues, Elisa Camillo
Coordenção: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Número	Referências
CARTAS D'ÁFRICA	
001	LENHART, Felipe. "Êta, velhinho legal!": Salim Miguel organiza obra com textos de escritores de países de língua portuguesa dos anos 1950. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24 mar. de 2005. Variedades, p. 6-7.
002	SALIM autografa Cartas D'África. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 29 nov.de 2005. Variedades, p. 4.
003	CARTAS D'ÁFRICA. **O Globo.** Rio de Janeiro, 12 nov. de 2005. Prosa & Verso, p. 3
004	LIMA, Jéferson. Editadas cartas que uniam África ao Brasil: obra organizada por Salim Miguel resgata correspondência trocada entre escritores de língua portuguesa nos dois lados do Oceano Atlântico. **A Notícia,** Joinville, 29 de nov. de 2005. Anexo, p. C8
005	MALLMANN, Regis. O tempo revisitado. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 17 nov. de 2005. Variedades, p.1.
006	PEREIRA, Érica Antunes. **Retraçando as margens da memória com Cartas d'África e alguma poesia**. [s.l., sem data] 05 pag.
007	SANTIL, Juliana. **Novas.** Mensagem por e-mail para Salim Miguel e Eglê Mallheriros. 18 de maio de 2005.
008	LABAN, Michel. **Carta de Michel Laban para Salim Miguel**. Paris, 28 de janeiro de 2006.
009	SANTIL, Juliana. Novas. **Mensagem por e-mail para Salim Miguel e Eglê Mallheriros**. 28 de dezembro de 2005.
010	SANTOS, JPIRES dos. **Carta para Salim Miguel**. Rio de Janeiro 16 de dezembro de 2005.
011	VALDOMIRO. **Carta para Salim Miguel.** Salvador 29 de dezembro de 2005.
012	MIGUEL, Salim. **Reflexos de um intercâmbio.** Florianópolis, [sem data]. 05 folhas.
013	CARTAS D'Africa. [s.l.], sem data] 01 folha.
MINHAS MEMÓRIAS DE ESCRITOR	
014	EM novo livro, Salim Miguel se torna comentarista da literatura. **A Notícia**. 29 de agosto de 2008.
015	SANPAIO, Ivanildo. Memórias de Editor. **Jornal do Commércio**. Recife, 26 de jun. de 2002.
SABOR DA FOME	
016	O SABOR da fome, A voz Submersa. Convite para lançamento, Florianópolis 23 de maio de 2007. Espaço Cultural Celso Ramos – BRDE
017	O SABOR da fome. Resenha sobre o livro. 01 folha
018	SALIM Miguel lança livro inédito. Resenha da Editora Record. Editoria Marcio Alves. 02 de maio de 2007. 02 folhas.
019	SARTORI, Raul. Aplauso. Jo**rnal a Notícia**. 15 de maio de 2007. Anexo.
020	SARTORI, Raul. No lançamento.... Jo**rnal a Notícia**. 15 de maio de 2007.
021	O SABOR da fome. **Globo Rural**, n. 229, p. 106, nov. de 2004.

	Crônica: espaço dos contadores de histórias.
022	SILVA, Deonísio da. Imaginosa memória. **Carta Capital**, ano 13, . 447, p. 72.
023	SALIM Miguel lança livros. **A Notícia**, 23 de maio de 2007. Opinião, p.2.
024	NOITE de autógrafos: o rural idílico de Salim Miguel. **A Notícia,** 23 de maio de 2007. Anexo, p. B3
025	SARTORI, Raul. Glória de Salim. **A Notícia**, 22 de maio de 2007. Anexo, p. B8.
026	EM plena forma: pela editora Record, Salim Miguel lança livro inédito de contos e reedita romance esgotado dos anos 80. **Noticias do Dia**, 23 de maio de 2007. Dia Pop, pag. 9
027	ALVES, Márcio Miranda Alves. Com fome, tudo tem gosto. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 8 de maio de 2007. Variedades, pag. 7
028	SALIM Lá. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 de dez. de 2006. Variedades, pag. 11.
029	SALIM lança dois livros no BRDE. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23 de maio de 2007. Variedades, p. 3.
030	FOLCLORISTA é personagem em contos. **Diário Catarinense**. 15 de fev. de 2007. Variedades, p.8.
031	FRANTZ, Gisa. Salim Miguel prepara livro com 12 contos inéditos. **A Notícia**. Florianópolis, 03 de de mar. de 2016. Lazer, p. 10.
032	MIGUEL enfrenta a cegueira em seus contos. **Jornal do Comércio**. Recife, 7 de julho de 2007. Caderno C o. 8. Chamada para matéria
033	SALIM Miguel reinventa a si mesmo. **Jornal do Comércio**. Recife, 07 de julho de 2007. Caderno C pag. 05.
034	SARTORI, Raul. Presidente do BRDE, Cassildo Madaner, saudando o escrito Salim Miguel.... **A Notícia.** Florianópolis, 28 de maio de 2007. Anexo, pag. B8.
035	O HOMEM solitário. **A Notícia**. Florianópolis, 11 de maio de 2007.
036	MOREIRA, André Moreira. Salim Miguel em contos e romance. **Zero Hora**. Porto Alegre, 05 jun. 2007. Segundo caderno, p. 7.
SALIM NA CALRIDADE	
037	CASTELO, José. Obra Presta Homenagem ao escritor Salim Miguel. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 5 de jan. de 2002. Caderno 2 Literatura, p. D5
JORNADA COM RUPERT	
038	JORNADA com Rupert. [Resenha da Editora Record, 2005]
039	SILVA, Deonísio da. Salim Miguel, outra vez em grande estilo. **Observatório da Imprensa**. Rio de Janeiro, 2008. 03 pag.
040	VIDOR, Túlio. Algumas horas com Salim. Comentário publicado no blog Furbservador em 14 de nov. de 2008.
REINVENÇÃO da Infância	
041	MARTINI, Rafael. A Reinvenção dos Salim. **Diário Catarinense**, 07 de jun. da 2011.
042	REINVEÇÃo da Infância. [Resenha da Editora Novo Século, 2011]
043	INVENTÁRIO da Infância. **Notícias do Dia.** Florianópolis, 04 e 05 de jun. de 2011. Chamada da matéria para pag. 6 e 7.
044	PASTERNAK, Dariene. Todas as infâncias de Salim Miguel.

	Florianópolis, 04 e 05 de jun. de 2011.Plural, p. 6/7;
ESTRANGEIROS	
045	BIANCHINI, Fábio. Muitos anos de anotações: Salim Miguel divulga seu novo livro, estrangeiros – releituras, que traz 25 textos comentados. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 04 dez. de 2003.
046	BUSS, Deluana. Anotações preciosas. **A Notícia: Santa Catarina**. 04 de dez. de 2003. Anexo pag. 3
FANTASIA E (É) REALIDADE OU TREZE TEXTOS SURREAIS	
047	ÁVILA, Roberta. Mais um dp emocionado Salim: autor catarinense chorou, feliz ao lançar fantasia e (é) realidade ou treze textos surreais, com o amigo Tércio da Gama. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24 de jun. de 2012. Geral pag. 42
048	MARTINI, Rafael. Salim Miguel de olho no futuro. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 24 de jun. de 2012.

001 - LENHART, Felipe. "Êta, velhinho legal!": Salim Miguel organiza obra com textos de escritores de países de língua portuguesa dos anos 1950. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24 mar. de 2005. Variedades, p. 6-7.

LITERATURA

"Êta, velhinho legal!"

Salim Miguel organiza obra com textos de escritores de países de língua portuguesa dos anos 1950

FELIPE LENHART

Houve uma caixa-postal no Brasil, há meio século, que foi "freqüentada" com assiduidade por escritores de língua portuguesa.

Estes autores eram, muitas vezes, vítimas da perseguição e censura do "salazarismo", que castigou Portugal e colônias, em especial da África, entre 1932 e 1968. Mas esse endereço de correio não ficava no Rio de Janeiro, Capital Federal e epicentro da vida cultural nos idos de 1950, nem em Salvador (BA), onde Jorge Amado já imperava e tornava mais conhecida a literatura brasileira no Exterior.

A verdadeira referência para angolanos e moçambicanos, portugueses e autores d'Além Mar, na terra de Machado de Assis, ficava mesmo era em Florianópolis: na "redação" da revista *Sul*.

Trabalho do escritor octogenário enriquece o patrimônio literário do país

A história desse intercâmbio de cartas e idéias vai ser parcialmente resgatada pela Academia Brasileira de Letras (ABL) e passará a integrar o patrimônio literário nacional com a edição de uma obra que recebeu de seu autor o título de *Cartas d'África e Alguma Poesia – Coligidas e Selecionadas por Salim Miguel*. Segundo Cicero Sandroni, ocupante da cadeira nº 6 da ABL e tesoureiro da instituição, a publicação é certa, mas a data ainda não foi definida.

É o próprio Salim quem brinca com a palavra "redação" (as aspas dão a ênfase necessária à piada) e explica o absurdo de se associar um ponto de encontro a uma caixa-postal.

– No expediente da revista, havia o endereço completo para que os leitores enviassem cartas: Conselheiro Mafra, 147, caixa-postal 384, Florianópolis. A redação mesmo era na residência de alguém do grupo, a casa que estivesse disponível. Mas sempre brincávamos, dizendo: "amanhã a reunião vai ser na caixa-postal 384" – conta.

Nascido no Líbano há 81 anos, mas catarinense por opção, Salim foi um dos fundadores daquela que ficaria conhecida com uma das publicações de arte mais importantes do Brasil, com 30 edições entre janeiro de 1948 e dezembro de 1957.

Há ainda um 31º número da revista, *Sul – Edição Especial*, publicado em 2004, fruto do esforço coletivo de um grupo de produtores capitaneados pela jornalista Kátia Kloch. Para gravar o documentário *Modernos do Sul*, ela conseguiu reunir os integrantes ainda vivos, e que se dispuseram a participar do encontro, daquele que ficou conhecido no Brasil inteiro por Grupo Sul.

Na Ilha de Santa Catarina, porém, a revista do Círculo de Arte Moderna (CAM), nome original do grupo, era considerada herética, produzida por um bando de estouvados metidos a tudo e com tudo, do papel à celulose, do texto ao cinema.

Mirando-o sem as lentes do preconceito, o CAM era formado por jovens escritores e artistas plásticos de verve e talento, ávidos por bagunçar com os valores estabelecidos (artísticos, culturais, políticos) e provar que o Modernismo chegara de vez à província pacata, onde ainda se entoava loas e se gastavam páginas e mais páginas de jornal para preservar a imagem dos românticos, parnasianistas e simbolistas.

É certo que o trabalho do negro Cruz e Sousa, gênio catarinense dos versos, ainda era uma sombra projetada sobre qualquer outra manifestação artística no Estado. Mas havia, também, um ranço reacionário que levava colunistas a escreverem que Salim e seus amigos "conspurcavam" a cultura local com suas idéias amalucadas vindas da Semana de Arte Moderna de 1922 e do *Tupi or Not Tupi* de Oswald de Andrade.

Pois foi com aquela caixa-postal (para os desavisados, a "redação" da Sul) que, em meados de 1948, seus editores encontraram a oportunidade que esperavam para sacudir de vez o cenário cultural da cidade: a proposta para realizar, em Florianópolis, uma superexposição com os melhores representantes do Movimento Modernista brasileiro. E o melhor de tudo: o proponente era o prestigiado e talentoso escritor Marques Rebelo, modernista fervoroso e abusado que, anos depois de realizar a mostra na Capital catarinense e ajudar, assim, a fundar o Museu de Arte Moderna de Santa Catarina (Masc), viria a se eleger à ABL e ocupar a cadeira nº 9.

Com a inconseqüência dos 20 anos que, em média, cada um dos integrantes do CAM carregava nos bolsos, a idéia da mostra foi abraçada na hora e com entusiasmo. Baixada a poeira, surgiram os poréns. O governador à época, Aderbal Ramos da Silva, e o Secretário de Educação, Armando Simone Pereira, contudo, trataram de resolver a questão sem muita perda de tempo: a exposição ocorreria no colégio ginasial Dias Velho, no Centro da Capital.

Foi no dia 25 de setembro daquele ano que *Pintura Contemporânea Brasileira* foi aberta ao público, que pôde ver de perto, boquiaberto, senão assustado, as obras de gente como Di Cavalcanti, Djanira, José Pancetti, Iberê Camargo e Percy Lau.

Um entusiasmado, e já quarentão, registre-se, Marques Rebelo trouxera para integrar a mostra, ainda, reproduções de quadros de pintores argentinos, chilenos, portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, russos, tchecos e húngaros.

Cartas d'África e Alguma Poesia ainda não tem data de publicação definida

Como *Pintura*... se estenderia até o dia 6 de outubro, os jovens da *Sul* passaram muitas noites em mesas de bares e cafés com o visitante Rebelo. Os pontos de encontro eram, em geral, o Café Rio Branco, em frente da livraria Moderna, na Felipe Schimidt, o Poema Bar, na esquina de uma das ruas que dava na Praça 15 de Novembro, e o Miramar, então chamado de "bar do fim da tarde" pelos freqüentadores.

O escritor carioca, além de novidades sobre o seu Rio de Janeiro e dezenas de dicas de livros, trazia também muitos cigarros na lapela, os quais fumava desbragadamente, como recorda Salim:

– Olha, ele fumava muito. Era de uma ironia afiadíssima, saía-se com muitas tiradas. E era um cigarro atrás do outro. Não bebia. Ficava olhando a gente beber e conversava bastante. Imagine ele, um homem já de 40 anos, e nós todos com 20 e poucos. Falávamos de tudo, inclusive da vida alheia! Ele pedia todo tipo de informações sobre a cidade, da qual gostou muito. E quando o deixávamos na casa da mãe do Walmor, onde ele estava hospedado, já tarde da noite, diziamos entre nós: "êta, velhinho legal!".

O mais importante dessas conversas, em que se reuniam à mesma mesa Hamilton Ferreira, Ody Fraga, Armando Carreirão, Fúlvio Luis Vieira, Walmor Cardoso da Silva e o próprio Salim, foi o recado que Rebelo lhes passou: o pessoal precisava iniciar contato com o poeta Manuel Pinto, da cidade do Porto, em Portugal, e com o também poeta, xilogravurista e ensaísta Augusto dos Santos Abranches, de Moçambique. E passou os endereços dos homens.

– Foi muito importante para a gente. Logo depois do fim da exposição, enviamos as cartas. Mas era muito demorado. Enviar uma carta para a África, onde havia a censura salazarista, era complicado. Mas meses depois recebemos, na caixa-postal 384, as respostas e passamos a manter um contato mais freqüente – revela Salim.

Abranches e Manuel sem demora passaram aos catarinenses outros contatos de escritores em países de língua portuguesa, como Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Havia também muito intercâmbio com escritores de outros Estados do Brasil, colaboradores no Uruguai, na Argentina, nos Estados e na Rússia (- que, nas páginas de *Sul*, não se digladiavam entre si nem disputavam Guerra Fria alguma).

São algumas dessas correspondências e poemas de colaboração da *Sul* que a ABL vai publicar, reconhecendo o valor literário e histórico do material. Arquivadas na casa de Salim, que se diz um colecionador compulsivo, as cartas foram organizadas por autor e separadas por países.

O livro será dividido em três partes, com uma pequena introdução redigida por Salim. Na primeira, estão cartas dos escritores de Moçambique e Angola. Na segunda, poemas publicados na Sul e na página literária que o CAM mantinha no jornal *O Estado* dos mesmos escritores missivistas. Por último, cada um dos autores ganha uma nota biográfica, com informações como ano e local de nascimento, principais obras, cargos etc.

– Há ainda o primeiro conto do escritor angolano Luandino Vieira publicado fora do continente africano. Luandino é muito importante, e chegou a ser cogitado, nos anos oitenta, para receber o Prêmio Nobel de Literatura. A seleção das poesias é bem pessoal. Publiquei o que acho que seja o trabalho mais representativo de cada autor – garante.

Para Cícero Sandroni, da ABL, a participação do Grupo Sul e a influência do imortal Marques Rebelo na concretização do intercâmbio da literatura brasileira com os mais diversos países de língua portuguesa no resto mundo são justificativas insofismáveis para a publicação de *Cartas d'África*...

– Esse diálogo do Brasil com a África nos anos cinqüenta teve a participação fundamental do Grupo Sul. O livro será um documento importantíssimo para o entendimento da história da literatura não só dos países de língua portuguesa na África, mas também do Brasil. A academia tem também interesse em publicar esta obra para resgatar esta parte da biografia de Marques Rebelo, que foi o padrinho de Salim e seus amigos – diz.

E Salim completa:

– Não fossem aquelas conversas de bar com o Rebelo, e a própria realização da exposição dos modernistas na Capital, não sei se isso tudo poderia ter acontecido. Devemos o contato com Portugal e África e depois com outros países a esta influência decisiva do Rebelo – afirma.

felipe.lenhart@diario.com.br

CAIO CEZAR/DC/NOV 03

REVISTA SUL: Salim foi um dos fundadores de uma das publicações de arte mais importantes do país

Trechos

■ Correspondência...

A carta abaixo é do poeta Viriato da Cruz, de Luanda, Angola, datada de 23 de setembro de 1952, enviada a Salim Miguel.

Meu Caro Amigo,

Conheço-o através de trabalhos seus publicados na SUL. E já estou ansioso por conhecê-lo melhor por intermédio de "Velhice" – livro que está sendo lido, neste momento, pelo meu amigo António Jacinto.
A SUL cativou-nos. Claro que o seu aspecto gráfico é pobre; mas que importa isso, se a revista se propõem defender princípios elevados, difundir uma cultura verdadeira, interessada, humana, à altura da hora que passa? Esta, a raiz que prende a nossa simpatia à SUL.
Quero pedir-lhe um favor. Pode enviar-me o endereço de Lilla Ripoll? E pode, ainda, informar-me em que cidade brasileira tem a revista PARA TODOS a sua redação?
(...)
Jorge (Amado) tem muitos admiradores nestas paragens. É que seus livros, à força de exprimirem a verdade do homem e do meio brasileiros, atingem a universalidade. (...) Os homens, as mulheres e as crianças, que se movem nas páginas de Jorge, são irmãos gêmeos – em sofrimento, alegria, ódio, amor e ansiedade de um mundo melhor – dos homens, mulheres e crianças que vejo passar ali na rua em frente. Não há dúvida: Tolstoi tem razão: só quem está penetrado do amor da Humanidade, e não do puro e simples amor da Arte, pode produzir obra artística de valor.
Brevemente serei mais extenso.
Desculpe-me de lhe escrever à máquina. Sabe? É o processo de roubar menos tempo aos afazeres deste dia apertado de trabalho.
Certo de que o meu pedido merecerá de si uma resposta urgente, a qual poderá vir, por exemplo, por bilhete-carta.
Agradecendo antecipadamente os seus favores, rogo se digne a aceitar os protestos da minha maior consideração e estima.

Viriato da Cruz
Escola Industrial de Luanda – CP. 1287
Luanda – Angola

■ ...e poesia

JULIO CAVALHEIRO/DC/FLORIANÓPOLIS

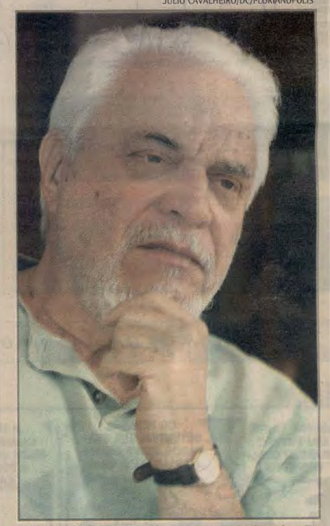
QUERO CANTAR E CANTAREI

Para Miguel Torga

Quero cantar e cantarei
Toda esta humana ânsia louca;
A mão que me cerrar a boca
Não impedirá o canto que sei!

Antônio Jacinto
Revista SUL, nº 17, 1952

Antônio Jacinto - Nasceu em Luanda, Angola, em 1924 e faleceu em 1991. Um dos mais importantes poetas da geração de Agostinho Neto e da Revista Mensagem. Ativo militante do MPLA. Por sua atuação política, esteve preso dez anos no campo de concentração de Tarrafal. Fez parte da União de Escritores Angolanos e secretário de Cultura do Governo Agostinho Neto. Autor de Poemas (1961), Sobreviver Em Tarrafal de Santiago (19850, e dos livros de narrativa: Vovô Bartolomeu (1979), Em Kiliange de Gulongo (1984), entre outros.



SANDRONI: Jornalista, escritor e membro da ABL

Pereira Oliveira Viagens & Consultoria em Turismo

BUENOS AIRES

Feriado Tiradentes ida - 21/abr - volta 24/abr

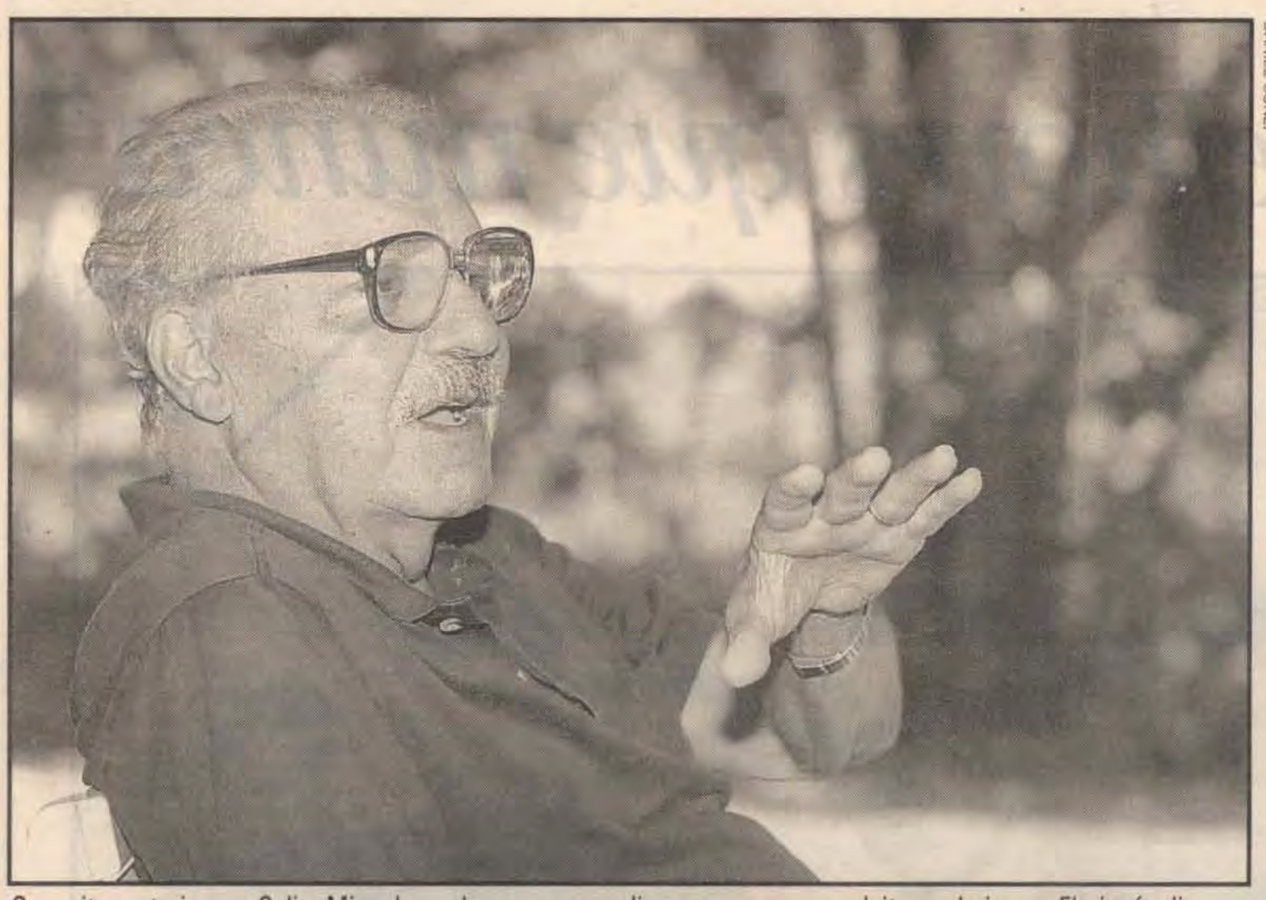
preços p/pessoa apt doble/triplo - hotéis Napoleon US$420 - Tritone US$438
Suipacha US$448 - Dazzler US$458 - passagem VARIG/TAM - 3 diárias - café - traslados - citytour - seguro - 1 + 3 vezes sem juros - inscrições até 21 março

Rua Felipe Schmidt, 649 - Ed. Torre da Colina - Sala 903 - Fone: 3025-4067
Florianópolis - poturismo@matrix.com.br - msn: poturismo@hotmail.com

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

002 - SALIM autografa Cartas D'África. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 29 nov.de 2005. Variedades, p. 4.

LITERATURA



DANIEL CONZI

O escritor catarinense Salim Miguel, que lança seu novo livro e conversa com leitores, hoje, em Florianópolis

Salim autografa *Cartas D'África*

Depois do Rio de Janeiro, novo trabalho é lançado na Capital

Depois de lançar seu novo livro, *Cartas D'África e Alguma Poesia* (Top Books e Academia Brasileira de Letras), no Rio de Janeiro, no dia 18, o escritor Salim Miguel autografa a obra hoje, na livraria Livros & Livros (rua Jerônimo Coelho. 215, Centro, fone 48-3028-6244), em Florianópolis. O trabalho reúne parte da correspondência recebida por ele a partir da década de 50 de autores angolanos e moçambicanos, além de alguns poemas deles e que eram enviados com essas cartas.

Os contatos com escritores da África, principalmente Angola e Moçambique, na época ainda colônias portuguesas mantidas sob o regime do salazarismo, iniciou na primeira metade dos anos 50 e se estendeu de forma sistemática por uma década. Nesse período Salim recebeu um volume de material precioso, importante registro do pensamento intelectual desses dois países.

Esse intercâmbio de idéias era, na verdade, fruto da atuação de Salim no Grupo Sul, movimento multicultural que mobilizou artistas e gente ligada ao cinema e à literatura. Reprimidos pela ditadura, os autores africanos tinham na *Revista Sul*, editada pelo grupo de Santa Catarina, um veículo para publicação de seus poemas. Os contatos que aproximaram os africanos e os catarinenses foram feitos pelo escritor Marques Rebelo (1907-1973), amigo de Salim Miguel e de sua mulher, a escritora Eglê Malheiros.

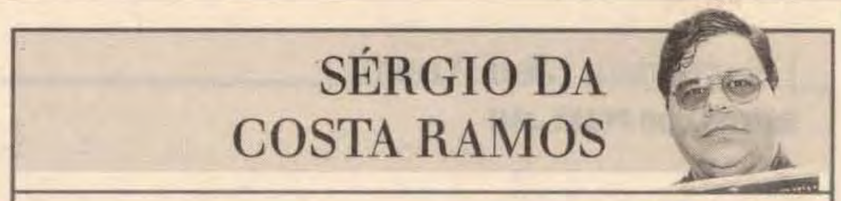
Em Cartas D'África e Alguma Poesia, aparecem textos dos angolanos Antonio Jacinto, José Graça (Luandino Vieira), Américo de Carvalho, Mário Lopes Guerra, Viriato da Cruz e Garibaldino de Andrade, e dos moçambicanos Augusto dos Santos Abranches, Orlando Mendes, Manuel Felipe de Moura Coutinho, Domingos de Azevedo, Domingos Ribeiro Silveira e Dulce dos Santos. Há ainda uma carta enviada por Fernando Reis, de São Tomé, então África Ocidental portuguesa, em 1956.

Como esses contatos, em alguns casos, foram mantidos desde então, Salim inclui no volume uma correspondência recebida de Luandino Vieira em março deste ano. Nela, o escritor agradece o recebimento de um exemplar de *Mare Nostrum*, livro lançado por Salim. Aparecem também nas páginas de *Cartas D'África*... um artigo assinado pelo escritor Marques Rebelo e publicado em cinco partes no jornal *Última Hora* entre os dias 18 e 22 de junho de 1963.

No texto, Rebelo fala sobre o colega moçambicano Augusto dos Santos Abranches. Morando no Brasil desde o final dos anos 50, ela havia morrido dois meses antes, no dia 5 de abril, depois de escrever Poema do Hospital São Luiz, onde estava internado para tratar de um problema cardíaco, que acabou por levá-lo à morte.

No lançamento de hoje na Capital, Salim Miguel estará na livraria a partir das 16h, onde fica até às 18h para autografar a obra e atender pessoas interessadas em saber mais detalhes de como foi sua produção .

Cartas D'África e Alguma Poesia - Coligidas e Selecionadas por Salim Miguel. *De Salim Miguel. Top Books e Academia Brasileira de Letras. 180 páginas. R$ 25*



SÉRGIO DA COSTA RAMOS

sergio.ramos@diario.com.br

Penteando garapuvus

Estou aqui na Lagoa – telefona o meu amigo Jorge Polidoro – e precisas ver as cabeleiras dos garapuvus derramadas sobre as encostas do morro! Parecem cascatas douradas, escorrendo pelos "ombros" da mata!

Senti no meu amigo uma tal devoção por aquela bíblica visão da Natureza que tive vontade de subir o Morro do Padre Doutor, o da Lagoa, e uma vez embrenhado naquelas matas atlânticas, me inebriar com tanta beleza...

Sorte minha que já conto com uma verdadeira "legião" de amantes de garapuvus. Outro dia foi o Eduardo Santos Lins, o caro amigo Pimpa, *quem telefonou pra dizer:*

– Olha, os garapuvus da Lagoa estão em plena florada! Eles são como uma visão *do Éden! Vale outra crônica como aquela que escreveste ano passado!*

Depois foi o Jair Francisco Hamms quem ligou para cantar uma ode aos garapuvus da Armação - onde reside, sob a guarda de duas cabeleiras "ruivas", árvores ainda jovens, cada qual com os seus 150 aninhos.

Jair, que é o meu "etimólogo" de plantão, foi logo traduzindo o significado de Garapuvu*:*

– Em tupi-guarani, garapuvu *quer dizer "a grande árvore".*

Bota grande nisso. O garapuvu, rapazinho ainda, com uns 20, 30 anos, já sobe a uns 40, 50 metros e, lá de cima, oferece aos viventes todo o esplendor de sua majestade. A mesma majestade com que os saudou a escritora Dinah Silveira de Queiroz, descrevendo aqueles buquês alados em seu livro Floradas na Serra.

Os garapuvus parecem guerreiros bantus, bravos e eretos como uma lança, mas, ao mesmo tempo, dóceis e amáveis como sedutoras mulheres de longos cabelos louros, lânguidas no espreguiçar de seus dorsos durante as tardes estivais.

Devo dizer ao meu amigo Poliba que também sou um "fiscal de garapuvus". Tenho a ventura de ter uma janela dando para "o lado de cá" do Morro da Lagoa. E sempre dou "de cara" com três garapuvus louros, "espiando" o meu quintal. Outro dia, perguntei-lhes:

– Há quantos séculos estais aí, ó abelhudos de plantão, dando "fé" da gente que passa? Há quantos anos entregais essa cabeleira de ouro à carícia dos ventos e ao roçagar dessas flores ornamentais, essa "pele" tão delicada e tão lasciva?

Pois vou telefonar ao Jair e ao Pimpa, meu caro Poliba, *e vou informar-lhes da altaneira dignidade com que os "meus", os "nossos" garapuvus atravessam os séculos e a História. Se investigarmos bem, aposto que os garapuvus da Lagoa terão testemunhado o próprio "Dilúvio" - e até acolhido a Arca no alto do morro, depois de 40 dias de "lestada".*

Amigo Poliba: convido-te – e ao Pimpa e ao Jair – para um sobrevôo de asa-delta, num desses artefatos voadores aparentados com

as águias e os urubus. Vamos os três sobrevoar os garapuvus da Lagoa e levar-lhes o nosso físico carinho.

Sugiro até levarmos um ancinho a bordo, "pra mode" pentear a cabeleira daquelas "crianças".

E, para dar a crônica por finda, nomeio-te, amigo Poliba, comandante plenipotenciário deste vôo, condecorando tua fronte com o quepe de Saint-Exupéry.

Ao amigo Pimpa, peço: providencie o "pente". Um ancinho de cerdas largas cumprirá bem esse papel.

E voemos os três sobre aquelas cordilheiras *floridas, posto que só assim estaremos mais perto de Deus.*

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

003 - CARTAS D'ÁFRICA. **O Globo.** Rio de Janeiro, 12 nov. de 2005. Prosa & Verso, p. 3

• CARTAS D'ÁFRICA

No dia 17, às 17h30m, na Academia Brasileira de Letras (Av. Presidente Wilson 203), acontece o lançamento de "Cartas d'África e alguma poesia", organizado pelo jornalista e escritor Salim Miguel. O livro reúne cartas e poemas que escritores africanos de língua portuguesa enviaram para a revista "Sul", da qual Miguel foi um dos editores, nas décadas de 40 e 50.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Editadas cartas que uniam África ao Brasil

Obra organizada por Salim Miguel resgata correspondência trocada entre escritores de língua portuguesa nos dois lados do Oceano Atlântico

JÉFERSON LIMA

Florianópolis — Há 50 anos, separados pelo imenso Oceano Atlântico, escritores brasileiros e africanos trocavam correspondência, enviavam seus livros, e discutiam política e literatura. No continente americano, o interlocutor é Salim Miguel, em Santa Catarina. Da África, os escritores somam mais de uma dezena, e escrevem principalmente de Moçambique e de Angola, mas há um solitário interlocutor da Ilha de São Tomé, o segundo menor país do continente africano.

A correspondência, guardada por Salim, foi selecionada por ele para publicação encampada pela Academia Brasileira de Letras. O livro, que recebeu o título de "Cartas D'África e Alguma Poesia" foi publicado pela editora Topbooks e ficou pronto há pouco mais de uma semana. Já houve um lançamento no Rio de Janeiro e hoje vai ser autografado por Salim Miguel, das 16 às 18 horas na livraria Livros e Livros, na rua Jerônimo Coelho, no Centro.

Na Florianópolis dos anos 50, Salim integrava o Grupo Sul, juventude modernista ligada principalmente à literatura, teatro e ao cinema, que sacudia a pasmaceira ilhoa. Do outro lado do continente, os jovens africanos viviam nas colônias portuguesas, e amargavam a ditadura do governo salazarista.

Parte dos poemas enviados pelos escritores africanos eram publicados na revista Sul, do grupo Sul, já que eles tinham dificuldades para publicar em seus países de origem. Além da correspondência com os jovens de Moçambique e Angola, o livro reproduz também alguns poemas e cinco textos de Marques Rebelo, publicados em junho de 1963 no jornal "Última Hora", sobre o escritor Augusto dos Santos Abranches.

Abranches foi o primeiro correspondente da revista Sul. Era poeta, contista, crítico, ensaísta, gravurista e batalhou pela difusão da cultura e pela liberdade em terras moçambicanas. Em 1955 veio morar no Brasil, porque corria o risco de ser morto pelos militares. Além da correspondência de Abranches, há cartas também de Orlando Mendes, Manuel F. de M. Coutinho, Domingos de Azevedo e de Domingos R. Silveira.

De São Tomé, há uma única carta de um único escritor: Fernando Reis, da então África Ocidental Portuguesa. A missiva de 1956 acusa o recebimento do livro "Alguma Gente", de Salim, e fala sobre a página literária que ele produzia em um semanário.

De Angola, os correspondentes são Antônio Jacinto do Amaral Martins, José Graça (Luandino Vieira), Américo de Carvalho, Mário Lopes Guerra, Viriato da Cruz e Garibaldino de Andrade. No final da publicação, há uma breve biografia dos correspondentes africanos. Entre os mais notórios, é possível destacar o nome de Luandino Vieira, que nasceu em Portugal em 1935 e aos dois anos de idade emigrou com a família para Angola.

Luandino engajou-se na luta política e foi preso durante a repressão colonial. Ficou na cadeia por 12 anos e com a independência em 1975 das colônias portuguesas, após a revolução dos Cravos, em Portugal, ele dirigiu a TV Popular de Angola e o Instituto Angolano de Cinema. Seus livros foram traduzidos para mais de 10 idiomas. Antes do escritor português José Saramago, Luandino foi indicado ao prêmio Nobel de Literatura.

Já o autor do poema "Tropa Negra", reproduzido nesta página, é do poeta, contista e ensaísta Mário António, nascido em 1934 em Angola, e falecido em Lisboa em 1989.

■ O QUÊ: Lançamento do livro **CARTAS D'ÁFRICA E ALGUMA POESIA**, de Salim Miguel.
QUANDO: Hoje, terça, da 16 às 18 horas. ONDE: Livraria Livros & Livros. Rua Jerônimo Coelhop, 215, Centro, tel.: 3222-1244.
QUANTO: Valor não-fornecido.

Cristiane Serpa/AN

TROPA NEGRA

Lançaram fogo à cubata onde nasci e destruíram meu campo de mandioca.

Daí a minha farda e este barrete vermelho e esta espingarda na mão e o desamor da terra em mim criado!

■ **MÁRIO ANTÔNIO FERNANDES DE OLIVEIRA**, Luanda, Angola. Revista Sul, edição 25 (1955)

SALIM MIGUEL Escritor cuidava dos textos que agora compõem "Cartas d'África e Alguma Poesia"

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

005 - MALLMANN, Regis. O tempo revisitado. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 17 nov. de 2005. Variedades, p.1.

Variedades

variedades@diario.com.br

DIÁRIO CATARINENSE

QUINTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 2005

ARQUIVO ÚLTIMA HORA, O DIA

Receita de felicidade nas crônicas de Antônio Maria

Página 3

MEMÓRIA

O tempo revisitado

Livro reúne cartas e poemas africanos editados na Revista Sul

REGIS MALLMANN

Cartas, poesias e pequenas biografias de escritores moçambicanos e angolanos que mantiveram intensa correspondência com o Grupo Sul a partir da década de 1950 integram o livro *Cartas D'África e Alguma Poesia*, que o escritor Salim Miguel lança, hoje, às 18h, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Editado pela própria ABL, o volume faz um amplo resgate do produtivo contato entre integrantes do movimento cultural catarinense e os colegas de Angola e Moçambique, na época colônias portuguesas subjugadas pela ditadura salazarista, sob a qual os autores eram impedidos de exercer plenamente sua criação literária.

Colecionador "compulsivo" e memória viva das atividades desenvolvidas pelo Grupo Sul, Salim Miguel lançou-se a tarefa de recuperar e selecionar o material guardado desde aquele tempo depois que o amigo Cícero Sandroni, integrante da ABL, o questionou sobre qual tinha sido o envolvimento de outro escritor, Marques Rebelo (1907-1973), com Florianópolis. Ao saber que Rebelo foi o primeiro interlocutor entre os colegas de Santa Catarina e os africanos, Sandroni viu nisso matéria-prima de interesse de Academia.

– Daí veio a idéia do livro – recorda Salim, para quem a atividade de resgatar esse pedaço da história foi como um mergulho no passado.

SOLIDARIEDADE

Mario Antônio

São para ti, amigo, os versos desta noite
inda que pasem mulheres nos nossos olhos
e as luzes e as antíteses e as vitrinas nos apontem
atrás de tudo um sonho.

(A loteria, o fumo, o futebol
e o decote agressivo que passeia
o anúncio de uma seja invulgares...)

São para ti, Amigo, estes nossos versos
Ao teu sotho que ocultas de tanai
ao teu falo erfiado que disfarça
o teu gisio de vida e juventude.

São para ti, Amigo, estes vossos versos
quando as luzes vestiam de irreal tua presença
e outre nós havia o fumo dos cigarros
e estes anseio do tempo e do lugar.

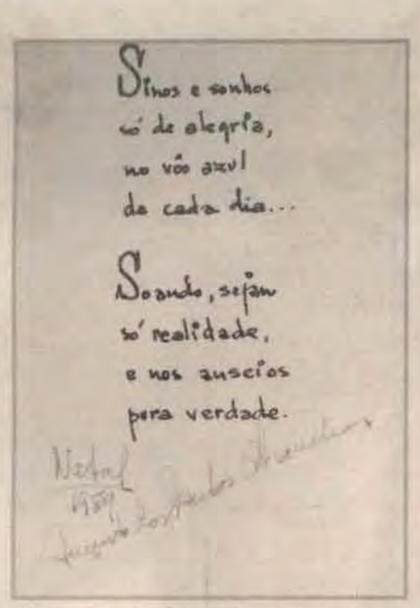
para ti, meu irmão, meu companheiro
que recebes da vida o desperdício
deixado nas esquinas nas vitrines
e que enches de versos a penumbra
e de sonhos este desfile de tédios e cansaço !

Desertaram
E enterraram as armas
Na tua brilhante de quadro que ficou
Depois de se resgurem na cortinas de fumo.

Nada era novo, mas depois dessas três
Ainda houve outros três
Oferecendo o milagre a outros três...

MANUEL FILIPE DE MOURA COUTINHO

Página da revista com poesias de Mario Antonio e Manuel Coutinho



Sinos e sonhos
só de alegria,
no vôo azul
de cada dia...

Soando, sejam
só realidade,
e nos anseios
para verdade.

Natal
1959

Poema enviado por Augusto dos Santos Abranches no Natal de 1959

Dessa verdadeira aventura do escritor em meio a papéis já desgastados pelo tempo, emergiram relíquias que passam a integrar o livro de 180 páginas. Revendo dezenas de originas de cartas recebidas a partir de 1952 e exemplares da *Revista Sul* – veículo de difusão do pensamento do Grupo Sul, no qual eram publicados os poemas –, Salim promoveu um garimpo para encontrar aquilo que melhor traduzisse o que significou esse contato com o escritores, alguns deles ainda jovens naquele tempo e que viriam a gravar seus nomes na literatura de língua portuguesa

– Alguma coisa se perdeu, mas sobrou bastante material – contenta-se Salim, diante de bem organizadas pastas contendo o valioso produto de sua detalhada pesquisa.

Moçambicano veio morar no Brasil

Graças a esse resgate, estão sendo publicados novamente escritos de autores como os angolanos Antonio Jacinto, Viriato da Cruz, Mario Antonio e José Graça, que mais tarde passaria a assinar Luandino Vieira, e dos moçambicanos Manuel Filipe de Moura Coutinho e Augusto dos Santos Abranches. Este último, ao vir morar no Brasil, no final dos anos 50, estreitou ainda mais esse contato com os brasileiros, relação mantida até sua morte, em 1963.

Segundo Salim , a formatação do livro, que ele próprio só deve ver hoje, quando já estiver no Rio, foi feita de forma que o leitor seja levado a compreender como se deu a aproximação e posteriores contatos e publicações de poesias e outros textos dos africanos na já legendária revista brasileira.

Material de interesse maior no livro, as cartas e os poemas remetem à pensamentos de um período ainda amargo para a cultura dos dois países em questão. Tanto que nas palavras das correspondências e nos versos isso se expressa repetidamente, o que cerca de maior importância o volume.

– A primeira etapa foi levantar todas as cartas e dividi-las entre Angola e Moçambique. Elas são basicamente desses dois países – explica Salim Miguel, que mesmo assim não reduziu o trabalho a essas duas procedências.

Para fazer uma radiografia completa de tudo o que a revista publicou ao longo de quase uma década, ele dedicou também espaço para poesias de autores com quem não mantinha contato, mas cujos textos chegavam às suas mãos por intermédio das correspondências.

Depois do lançamento de hoje na Academia Brasileira de Letras, outro será realizado no dia 29, na Livraria Livros & Livros, no Centro de Florianópolis, onde Salim ficará a disposição dos leitores, das 16 às 18 horas.

– Estarei lá para conversar com quem quiser sobre esse assunto – convida.

Cartas D'África e Alguma Poesia - Coligidas e Selecionados por Salim Miguel. *De Salim Miguel. Academia Brasileira de Letras. 180 páginas. Preço não divulgado.*

regis.mallmann@diario.com.br

FOTOS DANIEL CONZI

Salim Miguel com algumas das cartas recebidas dos autores africanos

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

RETRAÇANDO AS MARGENS DA MEMÓRIA COM *CARTAS D'ÁFRICA E ALGUMA POESIA*

Érica Antunes Pereira[1]

Há quase vinte anos, desde que foi redescoberto pela Profª Drª Tania Macêdo a partir de uma entrevista lhe concedida por Luandino Vieira (MACÊDO, 2002, p. 45), o Grupo Sul vem suscitando a curiosidade dos pesquisadores das literaturas de língua portuguesa. Nascido em Florianópolis e composto por jovens escritores, o grupo legou, para além dos trinta volumes da revista *Sul*, a comprovação do intercâmbio literário havido entre as duas margens do Atlântico desde o fim da década de 1940 e graças a Marques Rebelo, aquele que forneceu a Salim Miguel e seus amigos o endereço do poeta moçambicano Augusto dos Santos Abranches (MIGUEL, 2005, p. 7-8). Não tardou muito para que este cuidasse de aproximar os brasileiros de outros autores, quer de sua própria terra, Moçambique, quer de outras paragens, como a Angola de António Jacinto (MIGUEL, 2005, p. 61). Assim é que, pouco a pouco, à revista se uniram, entre tantos, nomes como Orlando Mendes, Noémia de Sousa, Glória de Sant'Anna, Francisco José Tenreiro, Viriato da Cruz e Luandino Vieira.

Cartas D'África e Alguma Poesia, obra organizada por Salim Miguel e recém-publicada (Rio de Janeiro, Topbooks, 2005), reúne justamente as cartas recebidas pelo casal Eglê Malheiros e Salim Miguel de vários dos autores africanos que colaboraram com a *Sul*: "un petit livre-musée", para lembrar a exata definição cunhada por Juliana Santil (SANTIL, 2006). Em outras palavras, emprestar o formato de livro à correspondência simboliza a consagração de sua perenidade, à medida que

> elas [as cartas] fizeram um longo trajeto – é bom pôr 'longo' nisto – das então colônias africanas de Portugal até à pequena e pacata Florianópolis. Tem mais, elas circularam por diferentes casas na Ilha e no Rio de Janeiro. Nesse vaivém algumas se extraviaram, mas as remanescentes dão uma idéia do que foi este intercâmbio. (MIGUEL, 2005, p. 7)

Ao valor literário, incorpora-se o histórico: muitas das cartas denunciam a rigidez da censura salazarista, de modo que o contato com o Grupo Sul, cujo lema era "a luta pela liberdade de expressão" (MACÊDO, 2002, p. 46), foi essencial, pois permitiu aos autores africanos que, muito embora na longínqua Florianópolis, continuassem publicando seus trabalhos.

As artimanhas utilizadas para que o intercâmbio de obras se fizesse eram várias, como, por exemplo, a sugerida por Viriato da Cruz em carta datada de 06 de janeiro de 1953:

> Para reduzir ao mínimo as possíveis complicações, peço-lhe diligenciar para que os livros não venham como encomenda da livraria em que forem adquiridos, mas sim como encomenda particular, oferta de amigo. Se possível, deverão ser vestidos com capas de outros livros vulgares. E, finalmente, os embrulhos, que deverão ser pouco volumosos, convém sejam feitos de papel forte. (MIGUEL, 2005, p. 43)

António Jacinto também deixa entrever a preocupação concernente ao envio das encomendas em carta de 09 de outubro de 1955: "Sobre o endereço e cuidados na remessa já sabe" (MIGUEL, 2005, p. 27). Ainda seguindo essa senda, mas bem mais explícito e nada lacônico, está Luandino Vieira – na altura, ainda conhecido como José Graça – que, em 10 de janeiro de 1957, escreve:

> O panorama cultural aqui está condicionadíssimo. Temos um bom número de jovens interessados em desenvolver uma literatura de caracter regionalista e alguns mesmo já com obra feita. Mas está guardada no fundo do baú. Não a podem publicar. Não há editores. As edições de autor ficam caríssimas, fora do alcance da gente nova, estudantes uns, pequenos empregados outros.
> (...)

[1] Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Reflexos de um intercâmbio

Salim Miguel

Aqui estão reunidas cartas de mais de meio século, praticamente esquecidas. Elas fizeram um longo trajeto – é bom pôr "longo" nisto – das então colônias africanas de Portugal até a pequena e pacata Florianópolis. Tem mais, elas circularam por diferentes casas na Ilha e no Rio de Janeiro. Nesse vai-e-vem algumas se extraviaram, mas as remanescentes dão uma idéia do que foi este intercâmbio.

Por vezes, folheando uma revista SUL eu me deparava com um poema e, memória ativada, buscava recuperar o significado de tudo aquilo e a maneira pela qual começou.

Foi em 1948. Nem bem aparecera a revista SUL, uma entre as cerca de quarenta que circulavam pelo País naquele pós-guerra, trazendo a inquietação e a esperança dos jovens, chega uma carta do Rio. Flávio de Aquino nos faz saber que Marques Rebelo dela tomara conhecimento e do esforço daquele grupo de jovens que lutava para fugir do isolamento; a exemplo do que fizera em Buenos Aires, Resende, Cataguases, Rebelo se dispunha a trazer uma exposição de Arte Contemporânea a Florianópolis. Nossa resposta imediata foi um "sim", sem pesar as conseqüências. Fomos à luta e a Exposição, bem como as palestras de Rebelo dividiram a cidade.

Varava-se a noite em batepapos, nos cafés, bares, restaurantes, sob a figueira da Praça XV e, em dado momento, Rebelo perguntou se não estávamos também interessados em contatar outros jovens em Portugal e África. Mal chegado ao Rio, ele nos mandou o endereço do poeta português Manuel Pinto e do poeta, crítico, gravurista, Augusto dos Santos Abranches, de Moçambique.

Quem não sabe dessa história costuma perguntar, por que logo Florianópolis, de pequena presença africana e não o Rio ou mais especialmente a Bahia. São as tramas do destino, o momento, as circunstâncias.

Escrevemos para os dois. A resposta de Portugal chegou bem antes; a de Moçambique, embora demorasse, veio também. Logo estávamos publicando colaborações de nomes conhecidos, como Fernando Pessoa, falecido em 1935 e de Miguel Torga, que passara parte da adolescência no Brasil, mas por aqui era desconhecido.

Da África começamos por Moçambique e, nos anos seguintes, fomos publicando na SUL colaborações de Angola, Cabo Verde, Guiné Portuguesa, hoje Guiné-Bissau. No último número da revista, 30, aparece um conto de um tal de José Graça, que se tornaria pouco depois internacionalmente conhecido como Luandino Vieira.

Não sei bem como, nem quando surgiu o interesse pelos textos publicados na SUL e pela correspondência. Tânia Macedo, que estivera em Angola e lá conversara com o poeta Antonio Jacinto, nosso principal contato naquela então colônia portuguesa, foi a primeira a tratar do tema. Pouco depois, em 1991, eu fui convidado para um Seminário na Universidade Federal Fluminense, meu comunicado foi a respeito do intercâmbio com os Países Africanos, em especial Angola e Moçambique. O professor francês presente no Seminário, Michel Laban, que estudava a obra de Luandino Vieira, só se tranqüilizou quando lhe prometi mandar xerox do conto de José Graça, publicado na Sul nº 30 e também de seu primeiro livro A Cidade e a Infância, editado em Luanda, em 1957,

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Florianópolis a estudante paulista Juliana Santin, cuja tese de doutoramento em Bordeaux examina as relações Angola-Brasil; seu orientador sugeriu-lhe que, vindo ao Brasil, visitasse Florianópolis para tomar conhecimento do material da SUL e mais especialmente da correspondência com vários intelectuais angolanos. No livro de Cremilda Medina Sonha Mamana África e no de Michel Laban Luandino – José Luandino Vieira e sua Obra, o autor de Luuanda, faz questão de ressaltar o que significou, para os então jovens escritores angolanos, o contato com a Revista Sul, dos jovens escritores catarinenses. Eram tempos extremamente difíceis, não sabíamos se o que estávamos mandando chegaria a seu destino. Cartas e pacotes eram violados. Certa vez, recebemos um cartão endereçado à Revista Sul, caixa postal 384, Florianópolis, SC, Brasil, informando que determinado número da Revista havia sido apreendido por conter matérias que não atendiam ao disposto nas leis da censura portuguesa.

A meu ver, o melhor exemplo da repressão em Portugal e suas então colônias é uma carta cujo conteúdo não posso esquecer.Ela não tinha data e assinatura era um rabisco, embora tenha quase certeza ser de Antonio Jacinto. O remetente queria um manual de economia política. Dizia: "se não for encontrado em Florianópolis, veja se me consegue um exemplar em Porto Alegre ou em Montevidéu", pois sabia que a Livraria Monteiro Lobato, de Montevidéu, distribuía a SUL. Concluía "caso consiga o livro, não pode mandá-lo como o recebeu. Terá de retirar a capa, a folha de rosto com o título, separar o miolo de cem em cem páginas, embrulhá-las em jornais ou revistas de variedades e despachar cada pacote em separado, porque só assim poderemos ter a sorte de receber o livro".

apreendido na gráfica e destruído pela ditadura salazarista, com exceção de três exemplares. No Seminário também se encontravam vários escritores africanos, menos Antonio Jacinto, que fora Secretário de Cultura no Governo de Agostinho Neto e havia falecido pouco antes.

Embora tivéssemos publicado escritores africanos, inclusive Luandino Vieira, na revista Ficção (RJ) e eventualmente o intercâmbio voltasse à tona, foi a partir do encontro de Niterói que o interesse aumentou e vem aumentando. Em 1985, em Lisboa, Manuel Ferreira, romancista, profundo conhecedor da literatura africana e Alexandre Cabral, romancista e especialista em Camilo Castelo Branco, também quiseram saber de que maneira a Revista SUL se tornara veículo para a manifestação dos novos escritores africanos, durante os anos 50. Maria Aparecida Santilli, de São Paulo, numa viagem a Moçambique, levou xerox de algumas das cartas e de colaborações de Augusto dos Santos Abranches para os arquivos daquele país.

Em 2001, na Nona Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, a conversa com o poeta e romancista Ruy Duarte, com a poetisa Paula Tavares, com o professor e ensaísta Carlos Serrano, girou em torno do que significaram aqueles anos, quase uma década, para ambos os lados, no deles, um período marcado por repressão violenta, e do nosso, uma fase mais tranqüila da vida nacional, onde podíamos publicar o que por lá era impossível. Outro que se interessou pelas colaborações e cartas foi Xosé Lois Garcia, de Barcelona, que tem dedicado boa parte do seu trabalho ao estudo de escritores africanos. Não faz muito, recebi da Itália mensagem da professora Maria Grazia Orsi, pedindo informações a respeito de Luandino. Em meados de 1993, esteve em

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Creio que as cartas e os poemas, selecionados para este volume, refletem um pouco de tudo isso. Tal como fiz ao ler meu comunicado no Seminário da Universidade Federal Fluminense, dedico este texto à memória de Augusto dos Santos Abranches e Antonio Jacinto e à de Marques Rebelo, que nos abriu o caminho para Portugal e os Países Africanos de Expressão Portuguesa e, como conseqüência, para incontáveis outros países.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

013 - CARTAS D'Africa. [s.l.], sem data] 01 folha.

CARTAS D'AFRICA

A literatura é um poderoso elemento de História e de relações internacionais. Digo isso a propósito de um livro relativamente recente, do qual só agora consegui um exemplar. Trata-se de "Cartas d'África" de Salim Miguel, editada pela Topbooks do Rio de Janeiro e que, ao mesmo tempo em que se revela como livro importante para a elaboração da História literária angolana, demonstra que, mesmo em períodos de poucas (ou nenhumas) relações políticas e economicas oficias, os contactos entre intelectuais angolanos e brasileiros sempre se mantiveram.

Assim, nos dificeis anos 50 do século passado, com uma forte repressão colonial não apenas a nível político mas também cultural, desenhava-se em Luanda a resistência a essa repressão e a afirmação da identidade angolana.

A história no plano político é conhecida, mas menos pessoas sabem que a literatura angolana ressurgia nessa década. É então que aparecem os primeiros poemas de Viriato, Jacinto e Agostinho Neto e que Luandino Vieira (ainda com o nome de Jose Graça) publica um caderno com três contos, imediatamente apreendido e do qual sobraram apenas três exemplares.

Mas toda a produção ficava nos círculos culturais do país ou entre estudantes angolanos das universidades portuguesas, onde o boletim e antologias da Casa dos Estudantes do Império lhe dava alguma repercussão.

Fora dessas faixas só uma janela aberta: a revista literária brasileira "Sul", editada em Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

É sobre esse relacionamento que Salim Miguel, que dirigia a "Sul", coligiu as cartas então recebidas de Luanda, principalmente de Luandino, Jacinto, Viriato, Mário Lopes Guerra, mas também de Américo de Carvalho do Lobito e Garibaldino de Andrade que com base no Lubango dinamizava a coleção "Imbondeiro".

Não se tratava apenas de cartas para acompanhar envio de material literário. Havia também muito pedido de livros – sobretudo por Jacinto e Viriato – sobre temas politicos e sociais que os amigos da "Sul" faziam chegar, com os cuidados necessários para não serem apreendidos nos correios.

Quando soube do livro, fui procurar Salim Miguel e tive com ele uma longa conversa telefônica (do Rio para Florianópolis). Logo que tenha condições, faço uma entrevista mas, para já estou convencido que, ou encontramos uma forma de distribuir o livro em Angola ou pelo menos, o capitulo do "Cartas d'Africa" relativo a Angola (cerca de 35 paginas) devia ser publicado no país.

Para a compreensão dos dificeis caminhos da construção da literatura angolana.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

014 - EM novo livro, Salim Miguel se torna comentarista da literatura. **A Notícia**. 29 de agosto de 2008.

ANexo/Lançamento

15

Em novo livro, Salim Miguel se torna comentarista da literatura

FLORIANÓPOLIS

O convite a conhecer autores consagrados é a justificativa da nova obra de Salim Miguel, "Minhas Memórias de Escritores", que será lançada hoje no Palácio Cruz e Sousa, na Capital. O livro reúne 42 textos escritos por Salim Miguel desde a década de 1950. São comentários sobre obras e escritores, entrevistas e registros de encontros que marcaram a vida do autor catarinense.

É o caso da conversa com Carlos Drummond de Andrade, em 1950. Salim e amigos da "Revista Sul" – "jovens provincianos, ansiosos", como sublinha o autor na anotação que antecede o texto – viajaram à bordo do navio Hoepcke de Florianópolis para o Rio de Janeiro. Na então Capital Federal, conheceram Graciliano Ramos e o poeta Drummond. O texto foi publicado no jornal "O Estado" e nunca havia sido republicado.

A lista de escritores referenciados no 30º livro de Salim – e sétimo do gênero – é extensa e variada: tem Thomas Mann, Marques Rebelo, Otto Maria Corpeaux, José Lins do Rego, entre outros. Conterrâneos de Salim, como o artista plástico Harry Laus e o cineasta Marcos Farias, também foram lembrados. A maioria dos textos de "Minhas Memórias de Escritores" já foi publicada em jornais, revistas e suplementos culturais – os três mais recentes datam de 2007.

Amigo pessoal do autor, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Cícero Sandroni, – que assina uma das apresentações do livro – participa do lançamento do novo livro de Salim Miguel. A cerimônia também marca a abertura de uma exposição comemorativa ao centenário de morte de Machado de Assis.

"Minhas Memórias de Escritores" está saindo pelo Editora Unisul e custa R$ 20.

O QUÊ: lançamento do livro "Salim Miguel – Minhas Memórias de Escritores".
QUANDO: hoje, às 20 horas.
ONDE: Palácio Cruz e Sousa – Museu Histórico, em frente a Praça 15, Centro, Florianópolis.
QUANTO: gratuito.
INFORMAÇÕES: (48) 3028-8090.

e, às vezes, no exercício da profissão e estrito

besca, nebulosa e subrepticiamente, qual emi-

UBE-PE.

Memórias de Editor

IVANILDO SAMPAIO

Recebi da Impresa Oficial do Estado de Santa Catarina o primeiro exemplar de um novo projeto, que se chamará "Memória de Editor", no qual, com justa satisfação, encontro um longo depoimento, esclarecedor e humano, de um casal muito querido: os meus amigos Salim Miguel e sua mulher Eglê Malheiros, dois escritores catarinenses que há mais de 40 anos são um monumento vivo de quase tudo que se fez no campo das letras e das artes em Florianópolis.

Um belo depoimento de dois escritores catarinenses

Ambos começaram a sacudir a pasmaceira em que dormitava a então provinciana capital catarinense ainda estudantes, primeiro com a revista "SUL", um produto quase artesanal, rodado de favor na gráfica que produzia o Diario Oficial do Estado. Essa revista, todavia, seria o embrião em torno do qual se congregariam integrantes daquele que ficou conhecido como "Grupo Sul", revelando nomes que mais tarde brilhariam como estrelas importantes na reluzente costelação da cultura brasileira: poetas, escritores, ensaístas, artistas plásticos.

Poder-se-ia dizer, hoje, sem nenhum exagero, que, do ponto de vista cultural, Santa Catarina e Florianópolis nunca mais foram as mesmas depois do movimento liderado pelo "Grupo Sul", a partir de metade dos anos 40, e alguns de seus integrantes - como os próprios Salim e Eglê - abririam, a ferro e fogo, o caminho do reconhecimento, tornando-se mais tarde os condutores de sua própria caravana. Vem de longe a minha amizade com Salim, vem dos tempos mais escuros do passado, marcado pela censura e pelo medo, quando dividíamos, no Rio de Janeiro, uma ampla sala no prédio de uma editora que não existe mais. Pensava eu que sabia muito de Salim - mas descubro agora que sabia muito pouco. Por modéstia ou por desencanto, ele nunca falava do "Grupo Sul"; assim como Eglê se apresentava apenas como tradutora, escondendo os livros de poesia, as experiências de teatro e de cinema que viveu, os ensaios e os estudos que publicou.

Esse "Memória de Editor" - simples, despojado, esteticamente bem produzido e agradavelmente bem editado resgata uma época em que era muito mais ampla a solidariedade literária, e nomes já consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Vinicius de Morais não se furtavam a colaborar numa publicação de fora do eixo literário dominante, ainda mais feita por um bando de universitários contestadores, que gastavam tempo e conversa reunidos na sede do Partido Comunista - ainda legalizado - no centro de Florianópolis. Lembra também a bela experiência que foi a revista de contos "Ficção", projeto conjunto desenvolvido já no Rio de Janeiro, do qual participaram também Cícero Sandroni e Laura, sua mulher - iniciativa para a qual Salim posteriormente me chamou mas que, por absoluta falta de tempo, não tive como aceitar.

Essa revista "Ficção" mereceria um capítulo à parte, a começar pelo enunciado que trazia logo abaixo do título: "Histórias para o prazer da leitura", criação do jornalista Cícero Sandroni. Escreveram suas histórias em "Ficção" nomes como os de Wander Piroli, Joel Silveira, Fausto Cunha, Domingos Pellegrini Jr., Eduardo Galeano, Marques Rebelo, Autran Dourado, J.J. Veiga, Juarez Barroso, Marina Colasanti e outros, muitos outros grandes nomes que são pronunciados com respeito na literatura latino-americana. Representava a revista em Pernambuco o jornalista Ricardo Noblat, assim como eu também ex-colega de Salim na finada editora lá em cima mencionada.

É isso aí: Santa Catarina se redime diante de Salim e Eglê, vítimas da intransigência, do arbítrio e principalmente da inveja, logo nos primeiros dias que seguiram ao golpe de abril de 64. Ambos souberam se impor pela retidão e pela coerência - e são hoje luz e porto para as gerações que começam.

Ivanildo Sampaio, *jornalista, é diretor de Redação do Jornal do Commercio*

Recuperações positivas

www.record.com.br

CONVITE

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE e a editora Record convidam para o lançamento dos livros:

A Voz Submersa
O Sabor da Fome

SERVIÇO

23 de Maio de 2007, das 19 às 21h30
Espaço Cultural Celso Ramos - BRDE
Av. Hercílio Luz, 617 - Florianópolis - SC
espacocultural-sc@brde.com.br - 48 3221-8000

Salim Miguel

Nascido no Líbano, em 1924, Salim Miguel passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis. Entre 1947 e 1957, participou do Grupo Sul, de Florianópolis; de 1976 a 1979, foi um dos editores da revista carioca Ficção; entre 1983 e 1991, foi diretor da Editora da UFSC; e de 1993 a 1996 dirigiu a Fundação Cultural Franklin Cascaes. Renomado jornalista, tem 25 livros publicados, entre contos, romances, crônicas e depoimentos. Por Nur na escuridão, de 1999, ganhou os prêmios da APCA de melhor romance e o Zaffari & Bourbon, em 2001, na Nona Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Em 2002, recebeu o título de doutor honoris causa, da UFSC, e o Troféu Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores e da Folha de S. Paulo, como intelectual do ano. Pela Record lançou o romance Mare nostrum, finalista do Prêmio Jabuti de 2005, e O sabor da fome, em 2007, e relançou A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta, em 2005.

Realização
BRDE
Parceiro para crescer
BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Jornal
A Notícia

Data: 17/5/07

Coluna: ANEXO / RAUL SARTORI

Página: 8

APLAUSO

A homenagem prestada pela Saraiva aos escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros, segunda-feira, lotou o amplo espaço da nova livraria na Capital, revelando o quanto são prestigiados os dois intelectuais. Atenciosos com todos, como sempre foram, fizeram discursos breves, nos quais revelaram sua generosidade. Ela falou dos professores e do seu valor na educação. Ele lembrou do episódio da recente reforma administrativa que tentava transferir a Biblioteca Pública para o município, celebrando a mudança de rumos ocorrida a partir da luta em defesa do patrimônio cultural do Estado. Ambos foram calorosamente aplaudidos.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Jornal A Notícia

Data: 17/5/07

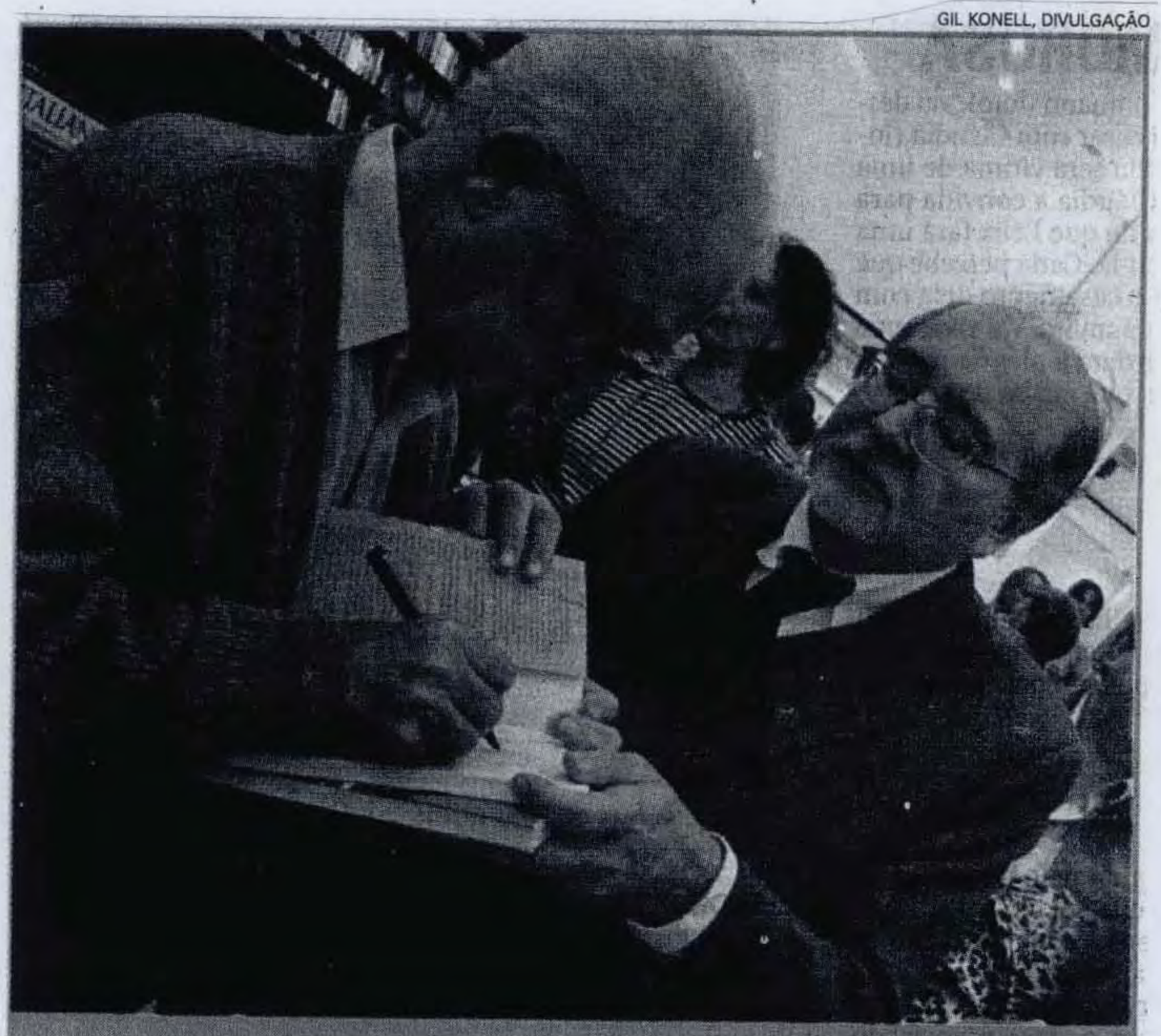
Coluna: ANEXO/ RAUL SARTORI

12

Página: 8

020 | SARTORI, Raul. No lançamento.... Jo**rnal a Notícia**. 15 de maio de 2007

GIL KONELL, DIVULGAÇÃO



No lançamento de livro mais concorrido da semana, Salim Miguel deu autógrafos e mais autógrafos. O jurista e poeta Péricles Prade fez questão de buscar o seu, prestigiando o amigo escritor

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

GLOBO RURAL
AGROPECUÁRIA E NEGÓCIOS
NOVEMBRO | Nº 229 | R$ 7,50 globorural.globo.com
EDITORA GLOBO

LAVOURA E PECUÁRIA EM HARMONIA

- **Lucratividade dobra com o sistema de integração que une criação e safras**
- **Diversificação faz com que riscos de queda nos preços sejam diluídos ao produtor**
- **Rotação de culturas reduz a incidência de pragas e racionaliza uso de insumos**

"Com geada o trigo morre; o boi, não"
José Galassini, presidente da Coamo, maior cooperativa da América Latina

ISSN 0102-1419 00229
9 770102 041700

VIDA RURAL
COMO FAZER
- Culinária do SERTÃO
- Cultivo de ORQUÍDEAS
- Criação de GANSOS
- Paiol para GRÃOS

TECNOLOGIA

ALGODÃO COLORIDO
Nova variedade da Embrapa faz sucesso entre os produtores rurais da Paraíba

ESPECIAL

ONÇA ACUADA
Com a deterioração de seu hábitat, felino ampliam predação de animais domésticos

021 O SABOR da fome. **Globo Rural**, n. 229, p. 106, nov. de 2004. Crônica: espaço dos contadores de histórias.

O sabor da fome

Terminaste a frugal refeição, que vai ser completada com frutas. Ficas indeciso, ontem foi a vez do mamão, te lembras do que costumava repetir pai Otávio, avô de tua mulher: mamão bom só do Nordeste, regular do Sudeste, no Sul só com açúcar; hoje, nem com muito açúcar, embora o aspecto tão mais apetitoso.

Observas a mesa: uva, goiaba, tangerina, que pode também ser chamada de vergamota ou mexerica. Todas muito bonitas, mas pouco saborosas. Não faz muito, na feirinha, em conversa com seu Mané, dizias que durante anos andaste em busca de marmelo, saboreado na meninice, e que decepção ao não sentires absolutamente gosto nenhum, e o homem, bem falante, mais que rápido, "era o sabor da infância e da fome, meu amigo, marmelo só pra marmelada".

Necessário decidir. É a goiaba, das vermelhas, grande, lustrosa, tentadora, embora temas o gosto de nada. Mal lhe cravas os dentes, és transportado para Biguaçu, tens uns treze anos, acabaste de pular o muro que separa tua casa da chácara de Seo Galiani, olhas para um lado e outro, ninguém à vista, rápido trepas na goiabeira e ao mesmo tempo em que abarrotas os bolsos com frutas maduras e de vez, enches a boca em dentadas vorazes. Ouves latidos, deslizas pelo tronco, disparas, quase sem fôlego, goiabas escapando dos bolsos, saltas o muro.

A chácara do italiano era enorme, podia quase abastecer a população do lugar, mas o homem quase nada vendia ou dava, os frutos abarrotando o terreno, o adocicado odor putrefato atravessava casas e ruas e não só penetrava pelas narinas, como enchia a boca de saliva.

> **"** Seo Galiani raramente saía do casarão murado e, quando entrava na venda, teu pai já sabia o motivo. A conversa era rápida e a reprimenda demorada; tu eras um dos mais visados **"**

Seo Galiani raramente saía do casarão murado e, quando entrava na venda, teu pai já sabia o motivo. A conversa era rápida e a reprimenda demorada; tu eras um dos mais visados, não conseguindo fugir à tentação. As peladas, os banhos de rio, as correrias, nem mesmo a leitura te saciavam. Para evitar problemas o pai te mandava comprar peixe fresco e camarão seco em Ganchos ou até Alto Biguaçu trazer dos Reitz batata, milho, aipim, um saco de farinha de mandioca. Botavas o Sultão na carrocinha e te tocavas, imaginação à solta, mais veloz do que o pangaré de tantos anos e tantos serviços prestados à família.

Retornando, teus devaneios sumiram à vista do engenho; bateste na casa ao lado, a filha de Firmiano, mulatinha sestrosa, botando corpo, peitinhos brotando do vestido de chita, alerta: "papai taqui o rapaz da cachaça" e te manda entrar.
Seo Firmiano já vinha com uns garrafões num caixote de sabão Wetzel, meio derreado com o peso. Ele te manda sentar, puxa conversa, oferece um gole, insistindo, "prova, já tens idade", brinca "aquele povo da venda de teu pai acaba com a minha cachaça", tu meneias a cabeça; da porta, a guria te encara zombeteira. Hoje, um hoje perdido no tempo e na memória, não resististe, ao primeiro gole engasgaste, olhos cheios de lágrimas, enquanto Firmiano e a filha riam, o segundo gole caiu menos mal, a mocinha providenciara umas rosquinhas de polvilho.

Firmiano bota o caixote na carrocinha, recomenda-te cuidado, falando "qualquer hora apareço na venda do teu pai, para uma prosa".

Sultão parecia ter asas, a carrocinha voa, vês bem pertinho o céu, longínquas as casas da vila. Não demora o alto do morro, a descida veloz, um baque brusco: quase cais de tua cadeira, com metade da saborosa goiaba na mão; tua mulher, que estranhara o silêncio, pergunta assustada "o que foi homem?" e tu apenas repetes: "nada não, nada não".

LEONARDO AVERSA/AGÊNCIA O GLOBO

Salim Miguel
é jornalista, escritor e autor de 20 livros, entre eles, *Nur na Escuridão* (Editora Top Books) e o recém-lançado *Mare Nostrum* (Editora Record).

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

EXCLUSIVO O FMI AINDA VÊ O BRASIL COMO NOS ANOS 80

CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA

www.cartacapital.com.br

6 DE JUNHO DE 2007

ISSN 1809-6697

ANO XIII Nº 447 R$ 7.90

A mídia faz POLÍTICA

■ As denúncias contra Renan Calheiros, mescladas impropriamente com a Operação Navalha, embora mereçam investigação, só valem para manter o governo sob pressão

■ E Sarkozy ganharia na França se não tivesse os meios de comunicação a seu favor? E Berlusconi teria mantido o mandato por cinco anos sem o apoio do seu império midiático?

■ Hugo Chávez não renova a concessão da RCTV e é tachado de autoritário. Mas poucos lembram o papel central desta e das outras emissoras no golpe fracassado de 2002

■ Como a imprensa dos EUA, que já foi referência mundial de qualidade, perdeu seu rumo e sua independência e aceitou ser aparato de propaganda da guerra de Bush

022 SILVA, Deonísio da. Imaginosa memória. **Carta Capital**, ano 13, . 447, p. 72.

IMAGINOSA MEMÓRIA

LIVROS Salim Miguel fez dos contos uma sutil e complexa forma de dar voz a quem não a tem

POR DEONÍSIO DA SILVA

Quando, em fins da década de 1980, um jornalista indagou de Jorge Amado a situação da literatura brasileira, ele respondeu que estreara quando havia 300 escritores em todo o Brasil e todos se conheciam. Mas que, aos 77 anos, a idade dos dois martelos, 300 havia só na rua Alagoinhas, no Rio, onde morava.

O paulista Mário de Andrade, contemporâneo do baiano, achava que 300 ele era sozinho: "Eu sou trezentos, sou trezentos e cinqüenta". Era um tempo em que a máquina de escrever substituía rapidamente o manuscrito.

Aos 82 anos, o jornalista e escritor catarinense Salim Miguel, nascido no Líbano e alfabetizado em alemão e árabe, em Biguaçu, na Grande Florianópolis, foi obrigado a trocar a máquina de escrever pelo computador para elaborar seu mais recente livro: *O Sabor da Fome* (Record, 160 págs., R$ 29). O novo instrumento, que atenua os efeitos de uma enfermidade nos olhos, já estabilizada, permite regular o tamanho das letras, ainda que alguns dos contos tenham sido ditados à esposa, a também escritora Eglê Malheiros.

Salim Miguel guarda, porém, a velha máquina de escrever que, apesar de companheira inseparável de tantos escritores, foi parar rapidamente nos museus. Mário de Andrade apreciava tanto a sua, que a chamava de Manuela: "Como uma verdadeira amante, ela me tem proporcionado, pela maneira de ser, seus vícios e qualidades, um bom número de idéias aproveitáveis".

Além de *O Sabor da Fome*, a Editora Record já pôs nas livrarias os romances *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*, *A Voz Submersa* e *Mare Nostrum* (finalista do Prêmio Jabuti, em 2005) e *Nur na Escuridão*, que arrebatou alguns dos maiores prêmios nacionais. Os reconhecimentos vieram na esteira do Troféu Juca Pato, com o qual a União Brasileira de Escritores e a *Folha de S.Paulo* o distinguiram como Intelectual do Ano em 2002.

Dois grandes recursos narrativos dão a essa coletânea a perenidade que marca as grandes obras: prodigiosa memória e fecunda imaginação. As tramas soam documentais, mas o *granus salis* da invenção permeia todas as histórias.

> Apesar de inventivas, as tramas de *O Sabor da Fome* soam documentais

O conto que dá título ao livro se desdobra em vários outros. Ao morder a goiaba vermelha, a imaginação do "Faulkner de Biguaçu", na feliz expressão de Ivan Schmidt, brota e voa, chegando à adolescência: "Tens uns 13 anos, acabaste de pular o muro, trepas rápido na goiabeira, enches a boca em dentadas vorazes".

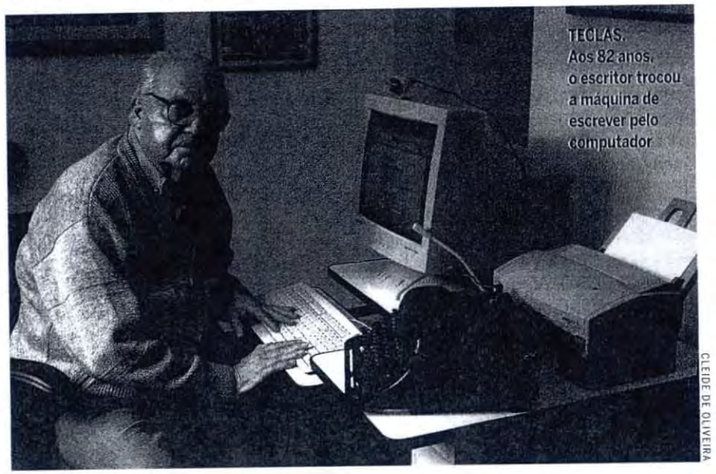
Em *Vestido de Chita II*, é a memória de antiga mocinha que é evocada, migrando da pequena para a grande cidade. Ela está com fome, pede "pão com salame" e acaba trabalhando como governanta na casa de duas idosas.

Recorrente, a mesma personagem reaparece em outro conto, acusada de assassinar as velhinhas para ficar com a herança. O conto passa-se nos anos Médici e é narrado de trás para a frente: "Procurei apagar o passado que se gruda na gente que nem visgo".

Outra, a quem deram o nome de Argemira para lembrar o mar, reclama inconformada: "Por que não me botaram logo o nome de Argemara?" *Livros em Chamas* refaz, como num pesadelo da memória, um tempo em que também em Florianópolis foram feitos autos de fé.

Salim Miguel fez dos contos sutis e complexas formas de dar voz a quem não a tem ou não a teve, habilidade que reaparece em *A Voz Submersa* (240 págs., R$ 36), cujo tema solar é o assassinato do estudante Edson Luís Souto, carregado pela multidão e depositado na escadaria da Câmara Municipal, na Cinelândia, em 1968. Quase todo narrado por Dulce, a protagonista, sofre a interferência do autor: "Tenho que deixar-te neste março de 1968, neste março do assassinato do estudante... Mas, se te deixo, não te abandono".

Salim Miguel vive num tempo em que os escritores já não podem ler todos os colegas de ofício, mas este é um bom sinal: de gatos pingados, tornaram-se legião. Seu talento é inegavelmente superior ao de muitos que, incessantemente turibulados pela mídia, parecem ter evitado, não apenas a máquina de escrever, mas também os livros, esquecendo-se de que os grandes escritores são antes grandes leitores. ■



TECLAS. Aos 82 anos, o escritor trocou a máquina de escrever pelo computador

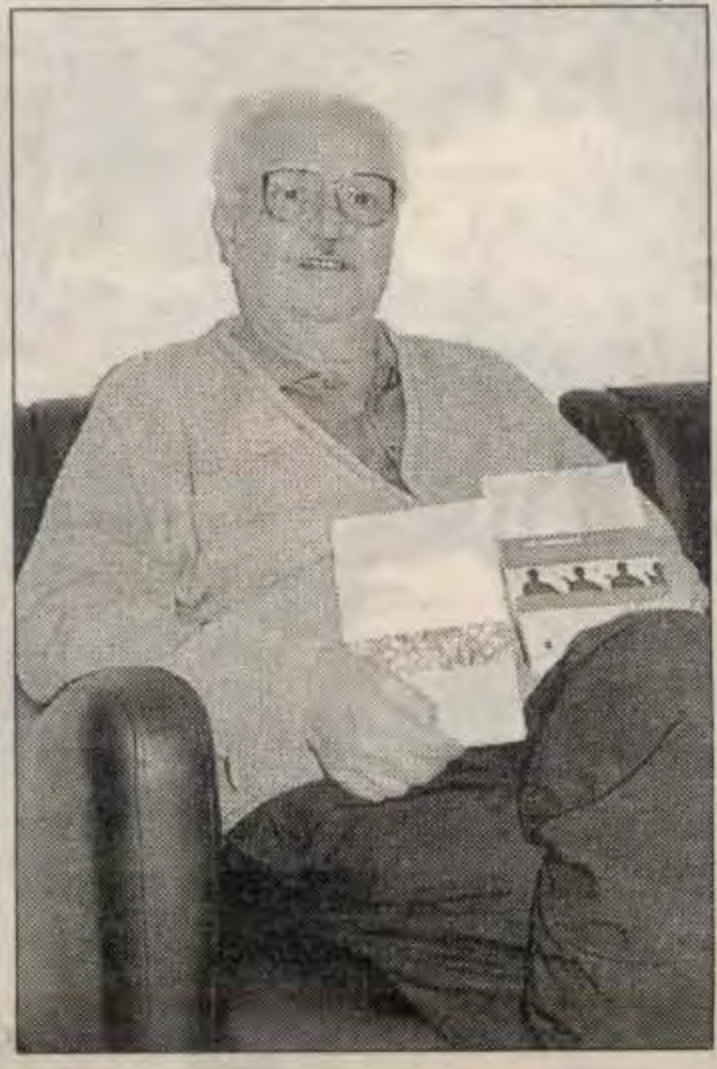
CLEIDE DE OLIVEIRA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

023 - SALIM Miguel lança livros. **A Notícia**, 23 de maio de 2007. Opinião, p.2.

Salim Miguel lança livros

DIVULGAÇÃO



O escritor Salim Miguel lança hoje, às 19 horas, no espaço cultural do BRDE, os livros "O Sabor da Fome" e "A Voz Submersa". O autor nasceu no Líbano, em 1924, e passou a infância e a adolescência na Grande Florianópolis, no município de Biguaçu. Entre 1947 e 1957, participou do Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O rural idílico de Salim Miguel

Escritor lança "O Sabor da Fome" e reedita "A Voz Submersa"

DANIEL CONZI, BD, 26/11/2005

Salim Miguel narra histórias do passado de gente comum

FLORIANÓPOLIS

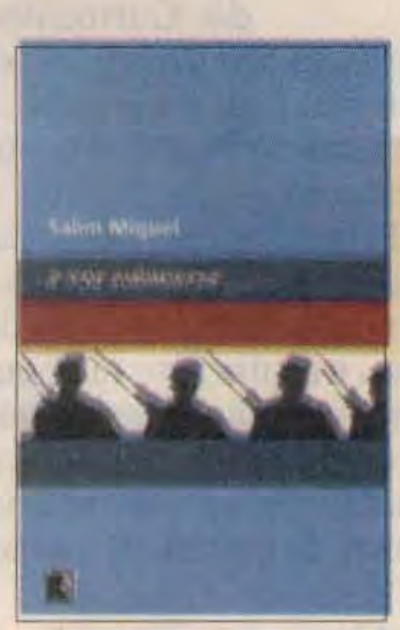
Salim Miguel, o escritor libanês radicado no Estado reconhecido pelo livro "Nur na Escuridão", autografa hoje no Espaço Cultural BRDE o livro inédito de contos "O Sabor da Fome" e a reedição do romance "A Voz Submersa", ambos pela editora Record. O primeiro traz uma reunião de 16 contos, nos quais Salim utiliza um estilo narrativo diferente a cada história. Em "A Voz Submersa", o autor usa, como ponto de partida, o assassinato de um estudante no restaurante Calabouço, em 1968, no Rio de Janeiro.

Nos contos, o escritor passeia pelo rural idílico, no retorno a Biguaçu de sua infância, onde morou dos 5 aos 19 anos, e pelo urbano, em Florianópolis e no Rio de Janeiro. Escritor de olhos e ouvidos atentos, Salim Miguel imprime nos diálogos o sotaque, o ritmo das pessoas comuns, que ele transforma em personagens bem-construídos e plausíveis. Eles são assaltantes, policiais, espião infiltrado em grupo revolucionário, gatos, gente humilde ou rica.

"A Voz Submersa" foi publicado pela primeira vez em 1984, pela editora Global. O romance surgiu após um hiato de 29 anos longe do gênero. Escrito em apenas quatro meses, carrega em si as longas horas de catarse, os dias de compulsivo teclar na velha máquina de escrever. O expurgo de uma história encarcerada por 15 anos, uma ditadura inteira.

O livro é um romance em estado febril, um delírio instantâneo desencadeado pela visão do corpo do estudante Edson Luís Souto, já sem vida, sendo carregado por uma multidão indignada que o deposita na escadaria da Câmara Municipal, na Cinelândia, em 1968. O fato, presenciado por Salim Miguel foi transformado em romance. Antes, o autor havia tentado, em vão, colocar a história no papel em forma de reportagem e conto.

■ **O QUÊ**: LANÇAMENTO DOS LIVROS "O SABOR DA FOME" E "A VOZ SUBMERSA". **QUANDO**: HOJE, ÀS 19 HORAS. **ONDE**: ESPAÇO CULTURAL CELSO RAMOS DO BRDE. AVENIDA HERCÍLIO LUZ, 617, CENTRO, TEL.: (48) 3221-8000. **QUANTO**: GRATUITO.



"A VOZ SUBMERSA" – EDITORA RECORD, 240 PÁGINAS, R$ 36,00 (PREÇO MÉDIO).

"O SABOR DA FOME" – EDITORA RECORD, 160 PÁGINAS, R$ 29,00 (PREÇO MÉDIO).

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

025 - SARTORI, Raul. Glória de Salim. **A Notícia**, 22 de maio de 2007. Anexo, p. B8.

Salim lá

Enquanto passa as festas e a temporada de Verão com a mulher Eglê Malheiros, filhos e netos na sua casa na Cachoeira do Bom Jesus, o escritor Salim Miguel também não pára de trabalhar nas suas obras. Aproveitou a visita da sua tradutora para o francês, Luciana Rassier, para dar uma lapidada na versão que ela fez de *Primeiro de Abril, Narrativas da cadeia*. *Premier Avril* deve sair em maio de 2007, na França, pela editora parisiense L'Armatan.

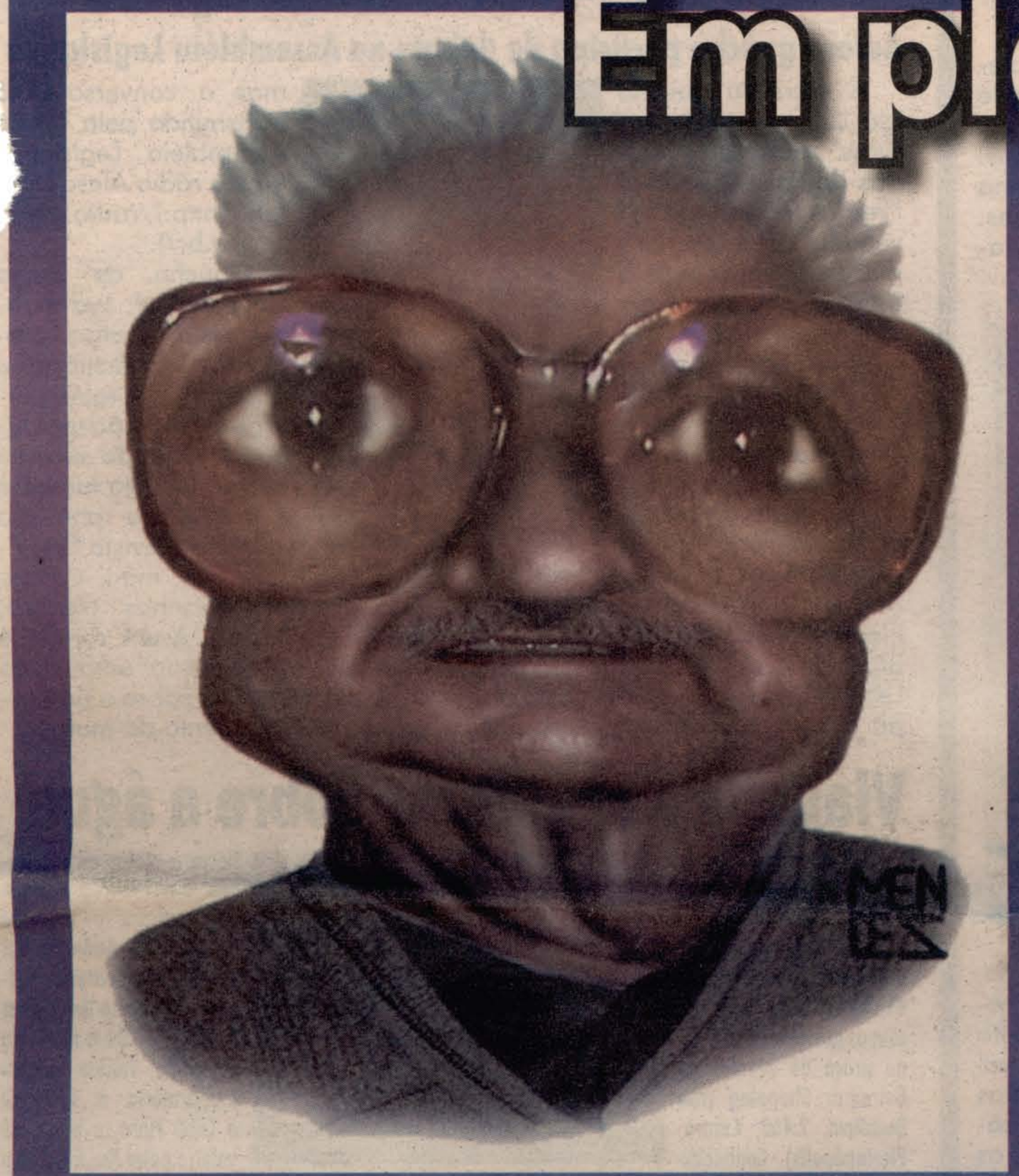
Salim cá

Antes disso, em março ou abril, devem sair simultaneamente pela Editora Record mais dois livros do grande contador de histórias fenício-catarinense. Um deles é a reedição de *A Voz Submersa*, livro de 1984 que foi revisado pelo próprio Salim. O segundo é *O Sabor da Fome*, coletânea de 16 contos inéditos, sendo que dois deles, *O Homem Solitário* e *Era Igual aos Outros*, foram escritos em 1949. Dois outros são do final da década de 1990 e os 12 restantes foram escritos até meados de 2005. (*Colaborou Dorva Rezende*)

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

pc@jornalnoticiasdodia.com.br

Em plena forma



Pela editora Record, Salim Miguel lança livro inédito de contos e reedita romance esgotado dos anos 80

Aos 83 anos, o escritor Salim Miguel, decano da literatura catarinense, publica mais do que nunca. Com selo da Record, ele lança hoje sua mais nova obra, o livro de contos "O sabor da fome", e a reedição de "Voz submersa", romance que teve boa repercussão quando foi publicado pela Global, em 1984, e que estava esgotado há vários anos. A sessão de autógrafos será às 19h no Espaço Cultural Celso Ramos, do BRDE (av. Hercílio Luz, 617), em Florianópolis.

"O sabor da fome" reúne 12 contos inéditos recentes, dois contos escritos na década de 90 e outros dois que saíram na revista Sul no final dos anos 40 do século passado. A intenção do autor é estimular o leitor a fazer uma comparação de estilos e profundidade literária entre a fase inicial de sua carreira e a produção ficcional dos últimos anos, marcados por uma fecundidade criativa sem precedentes.

Entre os contos que Salim Miguel mais aprecia no volume está "Livros em Chamas", inspirado na queima, pelas forças da repressão, da Livraria Anita Garibaldi, que o escritor mantinha no Centro de Florianópolis após o golpe militar de 1964. Já no conto "Versões", ele dá voz a 10 testemunhas de um crime aparentemente inexplicável, envolvendo pessoas de bem, religiosas e sem manchas do passado.

Passado, tempo e memória

A reedição do romance "A voz submersa" é motivo de júbilo para o escritor, uma vez que a obra, já esgotada, marcou seu retorno ao gênero, após 29 anos de ausência, e teve boa receptividade junto à crítica catarinense e nacional. O livro nasceu de um fato testemunhado pelo próprio Salim durante a ditadura militar: a visão do corpo do estudante Edson Luís Souto, já sem vida, carregado por uma multidão indignada, que o deposita na escadaria da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia, em 1968. A trama se resume ao longo desabafo de uma protagonista imaginária que tenta contar para a mãe, ao telefone, o episódio envolvendo o estudante, sem conseguir explicar nada e detendo-se em considerações sobre o passado, o tempo e a memória.

A Record pretende, a cada ano, lançar um livro inédito do escritor e reeditar uma de suas obras mais significativas. Pela editora, ele já publicou o romance "Mare nostrum", finalista do Prêmio Jabuti de 2005, e relançou "A vida breve de Sezefredo das Neves", em 2005. "Sempre digo que para escrever é preciso vocação, talento e persistência", afirma o escritor, que costuma aproveitar pequenos detalhes e coisas do cotidiano – sons, palavras, o vento ou o rosto de alguém – para dar a partida a seus contos e romances. "Os temas é que me procuram e não o contrário", brinca ele.

Animador cultural

Salim Miguel nasceu em 1924 no Líbano, mas criou-se em Biguaçu, onde viveu até os 19 anos. Entre 1947 e 1957, participou do Grupo Sul, que revolucionou a produção literária e artística em Florianópolis. Mais tarde, morando no Rio, foi um dos editores da revista Ficção, que também marcou a difusão da literatura no País. De volta a Santa Catarina, foi diretor da Editora da UFSC entre 1983 e 1991. Sua última função como animador e administrador cultural foi na direção da Fundação Franklin Cascaes, entre 1993 e 1996.

Depois disso, Salim pôde dedicar-se ainda mais à produção literária. Tem 25 livros publicados, entre contos, romances, crônicas e depoimentos. "Nur na Escuridão", de 1999, rendeu-lhe o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor romance e o Prêmio Zaffari & Bourbon, dois anos depois, na 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS). Em 2002, ele recebeu o título de doutor honoris causa da UFSC e o Troféu Juca Pato, da União Brasileira de Escritores e Folha de S.Paulo, como intelectual do ano.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

027 - ALVES, Márcio Miranda Alves. Com fome, tudo tem gosto. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 8 de maio de 2007. Variedades, pag. 7

DIEGO REDEL

Salim Miguel escreveu o conto-título de *O Sabor da Fome* a partir de uma conversa com um feirante do bairro

Trecho de *Assalto*:

"Com licença; bom dia; posso sentar, né; se tu estás neste escurinho é porque vais dilatar a pupila; ah, aqui está ela, cada vez mais bonita e simpática; estou há tanto tempo me tratando que até já me viciei neste colírio; me dou muito bem com o doutor Henrique Packter, ele sempre acertou comigo; contigo também? Vai para um mês, fiz uma cirurgia de catarata; devia ter voltado aqui uns quinze dias depois; não deu; é que eu moro em Imbituba e dependo dele; meu filho é muito ocupado, tem muitas atividades, além disso enfrenta um problemão; é hoje um homem de posses, posso mesmo dizer rico, embora tenha começado lá de baixo.

Pra falar a verdade, me sinto dividido. Perto de Imbituba existiam duas freguesias tranqüilas; as gentes viviam da pesca artesanal e de umas rocinhas. Lugar muito bonito, praias como poucas, meu filho, homem de visão, não teve dúvidas, arranjou dinheiro nem sei como, aqui e ali, fez empréstimos na Caixa, quando os juros não eram esta loucura, e ficou esperando. Não demorou a invasão de gaúchos e paulistas, até alguns catarinenses. No começo, para saldar algumas dívidas, se desfez de uns terrenos; mas ele tinha faro para negócios. Logo criou uma pequena imobiliária, que de pequena hoje não tem nada, e se pôs a construir casinhas, depois casas, casarões, prédios de quatro e seis apartamentos."

LANÇAMENTO

Com fome, tudo tem gosto

Editora Record lança O Sabor da Fome, *livro de contos inéditos do escritor Salim Miguel*

MÁRCIO MIRANDA ALVES

Salim Miguel não acredita em inspiração. Aos 83 anos, 27 livros publicados, o escritor catarinense acredita mesmo é na vocação, no talento e na persistência.

Para escrever seus contos e romances, Salim depende de um som, uma paisagem, uma palavra solta ou uma boa prosa.

– Não procuro temas, os temas é que me procuram – afirma.

Há situações, ao que parece, em que os temas perseguem o escritor durante uma vida. Quando era criança, em Biguaçu, Salim Miguel comeu marmelo e passou a considerar aquela a fruta mais saborosa entre todas que ele viria a provar. Passaram-se muitos anos até o dia em que, numa viagem à Serra, ele deparou-se pela segunda vez com marmelos. Comprou uma boa quantidade e correu para o hotel. Mas que decepção após as primeiras mordidas. O marmelo não tinha mais o gosto da infância. Salim comentou isso com o "seu Maneca", um feirante que vendia seus produtos agrícolas todas as terças-feiras, no Bairro Carvoeira, em Florianópolis, a uma quadra do apartamento onde o escritor reside. Ao que o "seu Maneca" teria respondido, mais ou menos assim, poeticamente falando.

– É o gosto da fome, o gosto da infância.

Com esta frase, o feirante quis dizer que, com a fome, tudo tem gosto. Nasceu neste momento o conto *O Sabor da Fome*, que dá título ao livro de textos inéditos de Salim Miguel, lançado agora pela Editora Record, o vigésimo sétimo de sua bibliografia. Juntamente com *O Sabor da Fome*, e mantendo o mesmo padrão gráfico, a Record também coloca nas livrarias a segunda edição do romance *A Voz Submersa*, publicado originalmente em 1984.

Dos 14 contos de *O Sabor da Fome*, 12 são inéditos em livro e foram escritos no finalzinho do século passado e em 2003 e 2004. Dois foram escritos há muito tempo e publicados na *Revista Sul*, a revista que serviu para Salim e outros artistas catarinenses divulgarem a estética modernista na Capital. São eles *O Homem Solitário*, publicado em 1949, e *Era Igual aos Outros*, em 1950. Sem resistir à tentação de mexer em velhos escritos, Salim deslocou algumas vírgulas e substituiu certas palavras. Apenas isso, garante ele.

– Não seria justo mexer demais em textos já publicados. O que está ali é a minha visão na época, agora penso diferente a ficção – comenta.

Apoiando-se na memória e na imaginação, Salim Miguel estrutura suas narrativas curtas de *O Sabor da Fome* a partir de pequenos fragmentos de sua biografia. Em seus contos, o catarinense nascido no Líbano volta com freqüência à infância em Biguaçu, onde viveu dos cinco aos 19 anos, e aos consultórios de oftalmologia, uma rotina para o escritor que enfrenta problemas de visão. Também flana pelos ambientes urbanos de Florianópolis e Rio de Janeiro, onde trabalhou na imprensa durante muitos anos.

Histórias de assalto no consultório médico

Foi numa destas consultas com o oftalmologista, ou melhor, na espera dela, que Salim Miguel ouviu de outro paciente uma incrível história sobre um assalto. Após uma introdução sobre o colírio preferido, o paciente desanda a falar sem parar. O caso é interessante e cria-se um suspense para o desfecho. Quando o relato se aproxima do final, o médico chama o paciente para o atendimento. Está no conto *Assalto*.

– Algumas coisas ficam na minha cabeça e eu trabalho em cima disso – diz Salim, vencedor do prêmio de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, em 2001, com o romance *Nur na Escuridão* (1999).

Em 1950, durante uma conversa com o escritor Graciliano Ramos na Livraria e Editora José Olympio, no Rio de Janeiro, Salim Miguel queria falar sobre *Caetés*. O mestre, que não gostava do livro, para desconversar perguntou:

– E você o que faz?

– Eu tento uns contos – respondeu Salim.

Graciliano retrucou com três palavras que marcariam para sempre a vida do catarinense.

– Não tente. Faça!

Felizmente, para as letras catarinenses, Salim Miguel começou a fazer e não parou mais.

Essa história está na abertura de *O Sabor da Fome*, como *Notinha*, bem ao gosto do escritor.

***A Voz Submersa**, de Salim Miguel. Editora Record (Rio de Janeiro), 240 págs., R$ 36*

***O Sabor da Fome**, de Salim Miguel. Editora Record (Rio de Janeiro), 160 págs., R$ 29*

marcio.alves@diario.com.br

clicRBS Leia um trecho do conto *O Sabor da Fome* em: dc.clicrbs.com.br

ESPETÁCULO

Ingressos para show do Quarteto Botticelli no CIC

Já estão à venda os ingressos para a apresentação do Quarteto Botticelli dia 16 de maio no Teatro Ademir Rosa, no CIC, em Florianópolis. O grupo texano formado por Kirsten Yon e John Gilbert no violino, Renee Skerik na viola e Alexander Ezerman no violoncelo fará um concerto com obras de Rossini, Brahms, Tartaglia e Schumann.

O concerto terá ainda a participação especial do contrabaixista americano Paul Sharpe, do clarinetista David Shea-clarinetista e da premiada pianista Cristina Cappa-relli, recitalista nos EUA e Europa.

Os ingressos custam R$ 30 e R$ 40, com meia-entrada para estudante e pessoas com mais de 60 anos. Sócios do Clube do Assinante **DC** pagam R$ 30 da fila 1 a 20. A venda acontece no Balcão da Pró-Música no Beiramar Shopping e no Teatro Ademir Rosa. Informações pelo telefone (48) 3028 -5264.

A testemunha ocular do crime

Após publicar *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta*, a editora Record dá continuidade ao projeto de reeditar as obras de Salim Miguel com *A Voz Submersa*, lançado originalmente em 1984.

Escrito em apenas quatro meses, o romance *A Voz Submersa* nasceu de uma visão que Salim Miguel teve na Cinelândia, no Rio de Janeiro, em 1968. Ele saía do trabalho (o segundo, pois tinha dois empregos), tarde da noite, quando viu o corpo do estudante Edson Luís Souto ser carregado por uma multidão indignada, que o deposita na escadaria da Câmara Municipal.

O repórter Salim escreveu a história e tentou publicá-la como reportagem, mas a censura vigilante impediu. Depois ensaiou um conto, mas o resultado não ficou satisfatório. Foi na forma de romance que essa morte ganhou vida, passados 15 anos do fato.

A Voz Submersa é dividido em três capítulos autônomos, cujo enredo se passa no Rio de Janeiro, em Florianópolis e Biguaçu. É na voz de Dulce que a fala do autor se liberta. Ao presenciar a morte do estudante, a protagonista relata tudo à mãe por telefone, gaguejando, sem nunca contar o que realmente viu. Para dar forma a essa ânsia de liberdade discursuva, o escritor deixa Dulce falar durante 130 páginas, sem pontos e com poucas vírgulas para não interromper o fluxo narrativo. Na última parte do livro, é o próprio escritor que dialoga com a personagem.

Satisfeito com o projeto de reedição de seus livros, que mantém o mesmo design gráfico e terá outro título no ano que vem, Salim Miguel diz que são poucos os que publicou e lamentou de tê-lo feito. Se o livro não satisfaz o escritor, acredita, também não satisfará o leitor.

– Foram relançados os dois que eu gostaria. Alguns eu nem tenho interesse – admite Salim.

Em 2008, Salim Miguel deve publicar um romance inédito, já enviado à Record, e aguarda a confirmação da edição de um volume que deverá se chamar *Memória Fragmentada – Registros*, pela Movimento, de Porto Alegre. O livro reúne resenhas, críticas e perfis biográficos de outros escritores.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

028 - SALIM Lá. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 de dez. de 2006.

Salim lá

Enquanto passa as festas e a temporada de Verão com a mulher Eglê Malheiros, filhos e netos na sua casa na Cachoeira do Bom Jesus, o escritor Salim Miguel também não pára de trabalhar nas suas obras. Aproveitou a visita da sua tradutora para o francês, Luciana Rassier, para dar uma lapidada na versão que ela fez de *Primeiro de Abril, Narrativas da cadeia*. *Premier Avril* deve sair em maio de 2007, na França, pela editora parisiense L'Armatan.

Salim cá

Antes disso, em março ou abril, devem sair simultaneamente pela Editora Record mais dois livros do grande contador de histórias fenício-catarinense. Um deles é a reedição de *A Voz Submersa*, livro de 1984 que foi revisado pelo próprio Salim. O segundo é *O Sabor da Fome*, coletânea de 16 contos inéditos, sendo que dois deles, *O Homem Solitário* e *Era Igual aos Outros*, foram escritos em 1949. Dois outros são do final da década de 1990 e os 12 restantes foram escritos até meados de 2005. (*Colaborou Dorva Rezende*)

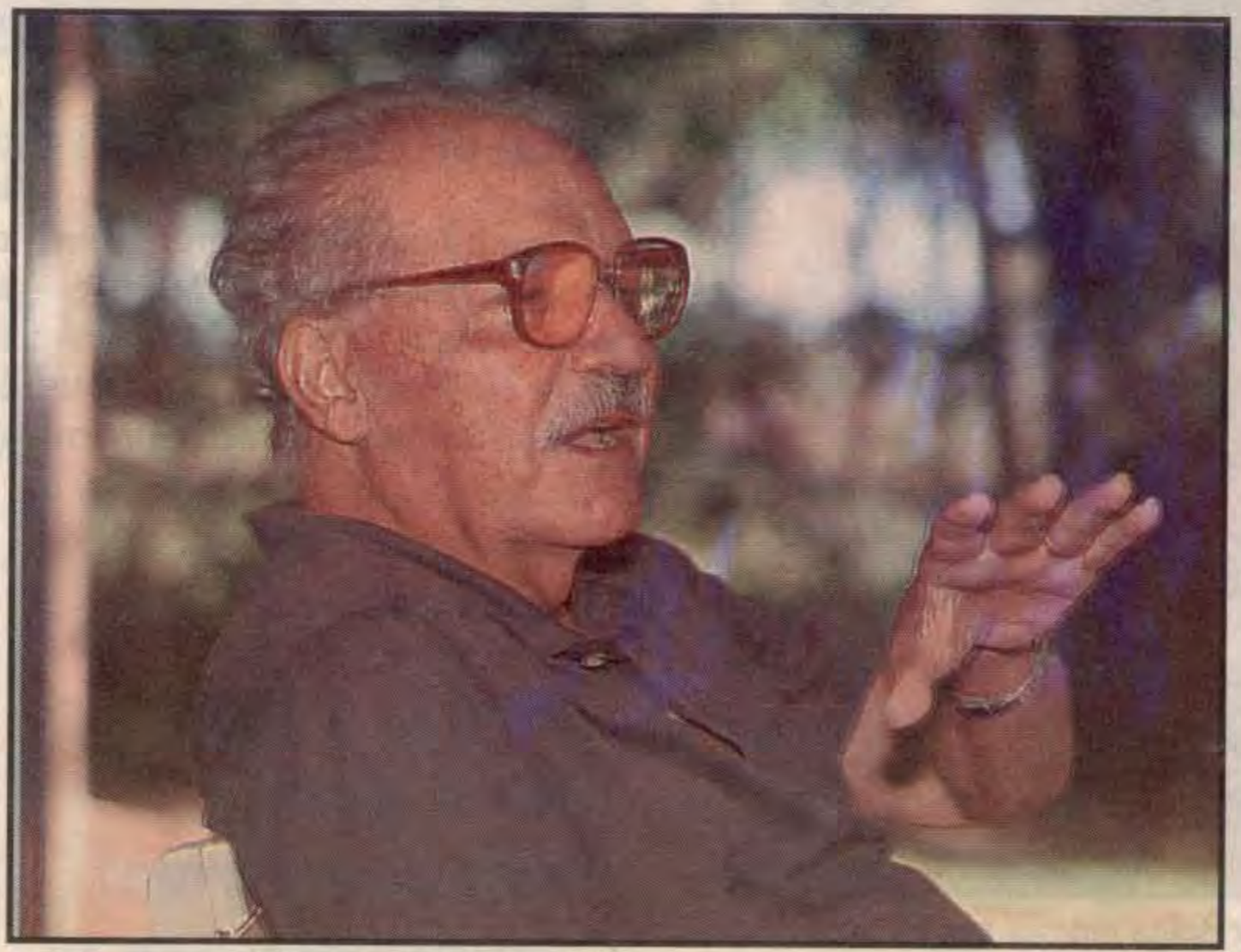
REPRODUÇÃO

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Salim lança dois livros no BRDE

O escritor Salim Miguel lança dois livros hoje, às 19h, no Espaço Cultural do BRDE, em Florianópolis. Salim publica o inédito de contos *O Sabor da Fome* e a segunda edição do romance *A Voz Submersa*, ambos pela Editora Record. Nas narrativas curtas de *O Sabor da Fome*, o escritor põe em prática sua característica criativa, a de transformar pequenos fragmentos autobiográficos em atraentes histórias de ficção. Em *A Voz Submersa*, publicado originalmente em 1984, o escritor parte de um crime ocorrido no Rio de Janeiro, durante a ditadura militar, para escrever o romance.

O BRDE fica na Rua Hercílio Luz, 617, no Centro.



DANIEL CONZI

Escritor lança *O Sabor da Fome* e *A Voz Submersa*, ambos pela Record

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

030 - FOLCLORISTA é personagem em contos. **Diário Catarinense**. 15 de fev. de 2007. Variedades, p.8.

Folclorista é personagem em contos

Há pouco mais de três anos, os escritores Flávio José Cardoso e Salim Miguel convocaram seus amigos também escribas e lançaram a idéia de uma coletânea de contos com Franklin Cascaes como personagem principal ou figurante da história de cada autor.

Surgia o livro *13 Vezes Cascaes*, com 13 contos e ilustrações de Tércio da Gama e do próprio homenageado. Planejado para ser publicado em formato de livro de arte, *13 Vezes Cascaes* não seduziu editores e patrocinadores.

Com texto de apresentação do museólogo Gelci José Coelho, o "Peninha", o livro reúne contos de Adolfo Boos Júnior, Amilcar Neves, Eglê Malheiros, Fábio Brüggemann, Jair Hamms, Júlio de Queiroz, Maria de Lourdes Krieger, Olsen Júnior, Péricles Prade, Raul Caldas Filho, e Silveira de Souza, além de Flávio e de Salim.

Em abril, a Record lança dois livros de Salim. Um deles é reedição do romance *A Voz Submersa* e o outro é *O Sabor da Fome*, coletânea de contos inéditos que inclui a narrativa com Franklin Cascaes como personagem da história. Esta semana, a EdUFSC relançou novas edições, revisadas, dos dois volumes de *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, a obra-prima de Cascaes.

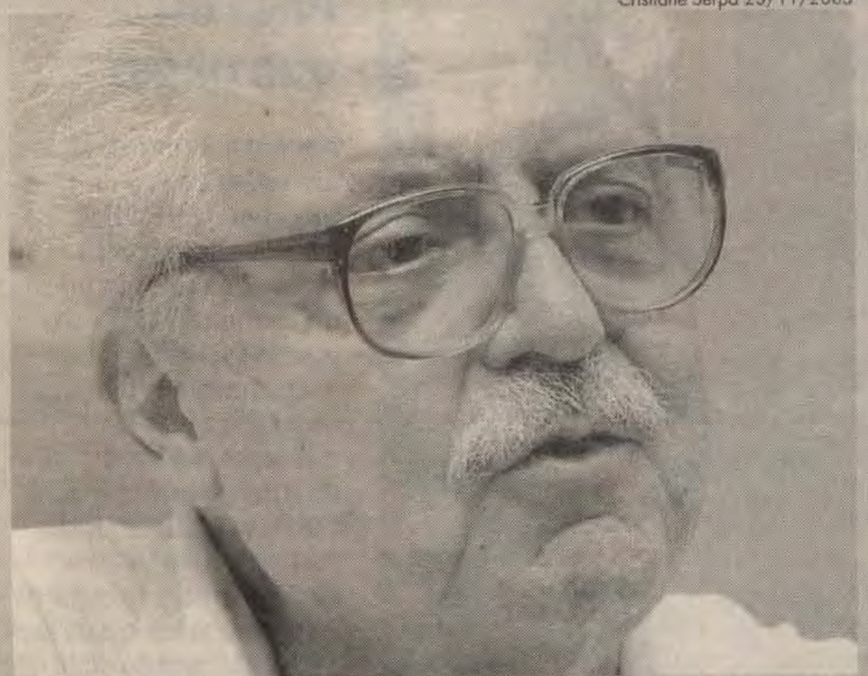
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

031 - FRANTZ, Gisa. Salim Miguel prepara livro com 12 contos inéditos. **A Notícia**. Florianópolis, 03 de de mar. de 2016. Lazer, p. 10.

DESTAQUE DE HOJE

Salim Miguel prepara livro com 12 contos inéditos

Cristiane Serpa 23/11/2005



Escritor catarinense Salim Miguel não pensa em se aposentar

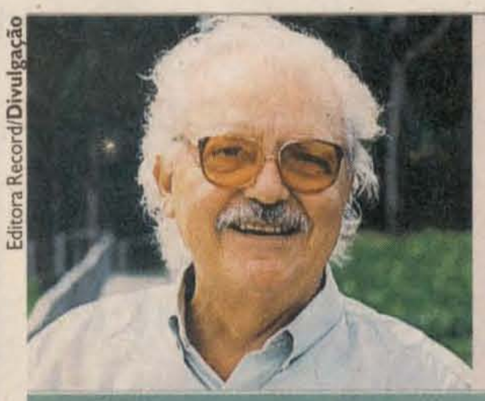
GISA FRANTZ

Com uma extensa e premiada obra literária pautada na inquietação e coerência, o escritor catarinense Salim Miguel, 82 anos, não cogita aposentadoria quando o assunto é escrever e pensar. Para 2006, o autor prepara um novo livro "O Sabor da Fome", com 12 contos inéditos. A obra, com previsão de lançamento pela Editora Record em setembro, ágrega ainda a republicação dos contos "O Homem Solitário" e "Era Igual aos Outros", ambos escritos em 1949 e mais outros dois textos que deverão ser extraídos dos seus primeiros livros. Interrogado se o momento não seria ideal para descansar, o célebre escritor não hesita: "Enquanto tiver fôlego vou continuar a escrever".

Outro contrato a ser cumprido com a Record ainda este ano é a reedição do romance "A Voz Submersa". A obra foi publicada pela Editora Global em 1984, tendo excelente receptividade de crítica e público. "Por conta do formato original ter sido muito bem aceito, decidi publicar na íntegra. Não vou alterar a estrutura do livro, apenas substituir algumas palavras", informa. Além disso, Salim está comprometido com mais duas obras que serão editadas pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC). A primeira delas é a reedição do livro "A Ponte", de 1952, do poeta Antônio Paladino, morto precocemente. "A obra faz parte da coleção 'Memória' e fiquei responsável pelo recolhimento do material e da introdução", explica, lembrando que Paladino ajudou a fundar o Grupo Sul sendo um poeta simbolista que merece ser conhecido pelo público leitor. O escritor também colabora na concepção da obra em homenagem ao educador Aníbal Nunes Pires. "O livro está sendo organizado por Zeca Pires. Eu, minha esposa Eglê Malheiros, Silveira de Sousa e Flávio José Cardoso estamos contribuindo com a iniciativa", explica. Ele diz que Aníbal foi uma das pessoas mais importantes na educação catarinense. "O livro trará depoimentos de professores e de milhares de alunos dele", informa.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

032 - MIGUEL enfrenta a cegueira em seus contos. **Jornal do Comércio**. Recife, 7 de julho de 2007. Caderno C o. 8. Chamada para matéria



Editora Record/Divulgação

» Salim Miguel enfrenta a cegueira em seus contos. » página 5

» MÚSICA

Orquestra Sinfônica Jovem faz concerto em Caruaru » página 8

» **editor** Marcelo Pereira marcelop@jc.com.br
editores-assistentes Flávia de Gusmão flgusmao@jc.com.br
Carol Almeida calmeida@jc.com.br
fale conosco (81) 3413-6180

caderno C

Jornal do Commercio | Recife,7 de julho de 2007 - sábado | **www.jc.com.br/caderno C**

» LUTO

Mombojó perde O Rafa

O flautista, trombonista e violonista Rafael Torres teve enfarte fulminante em casa. O músico tinha apenas 24 anos

Schneider Carpeggiani
carpeggiani@gmail.com

Renato Spencer/**JC Imagem**

Beto Figueirôa/**JC Imagem**/07-10-2004

Faleceu na madrugada de ontem o flautista, violonista e trombonista da banda Mombojó, Rafael Torres, conhecido como "O Rafa" ou "Pirulito", aos 24 anos, vítima de um enfarte fulminante. O músico, na noite de quinta, estava numa festa e, ao chegar em casa, sofreu o ataque cardíaco. Rafael foi ainda levado ao Hospital da Restauração (HR). Ele era portador de trombocitose, doença hematológica que causa aumento de plaquetas no sangue. O enterro foi reali-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LITERATURA

Salim Miguel reinventa a si mesmo

Novo livro do escritor, que sofre de processo de perda gradativa da visão, possui traços autobiográficos e recupera textos escritos há 50 anos

Literatura é, a priori, linguagem. Por mais que se queira, nunca é fonte histórica confiável, mero testemunho: a memória prega truques, o ato de encontrar as palavras certas é sorrateiro. Por mais que um autor assegure que tudo que está ali de fato aconteceu, a invenção é eterna invasora. O libanês radicado no Brasil Salim Miguel é um desses escritores que tem sua ficção sempre perseguida pela (vã e inevitável) questão "esse texto é autobiográfico?". A culpa dessa sombra que o persegue vem dos próprios lances da trajetória da sua família.

Quando o primogênito Salim contava com três anos, sua família abandonou Kfarssouroun, no Líbano, e chegou ao Brasil por um daqueles desvios de rota chamado vulgarmente de destino. Ao seu lado, os pais, o tio e duas irmãs completavam o resto do clã familiar. A viagem tinha como destino os Estados Unidos, no entanto, ao perderem o navio no porto de Marselha, os libaneses decidiram rumar para os trópicos. Para o Brasil. Primeiro o Rio de Janeiro, parada temporária, de poucos meses. As raízes acabaram sendo fincadas na pequena cidade de Biguaçu, no interior de Santa Catarina.

Essa rota migratória foi ficcionada no premiado **Nur na escuridão** (1999), que concedeu consagração tardia ao autor. Agora, aos 82 anos, Salim Miguel retorna à ativa com a coletânea de contos **O sabor da fome**. O livro é lançado num momento difícil da sua biografia: ele foi diagnosticado de retinopatia degenerativa, que impossibilita a base da sua arte – a escrita e a leitura.

Assim como aconteceu com o argentino Jorge Luís Borges, Salim lê agora ouvindo e escreve ditando seus textos. Uma tremenda ironia para alguém acostumado a domar as palavras à sua frente. No caso específico do escritor, a ironia é maior porque, durante anos, ele leu romances e contos para um amigo cego e, de certa forma, imaginava-se lendo para Borges.

Numa das passagens de O sabor da fome, o autor chega a discutir seu problema de visão, misturando (mais uma vez) invenção e memória: "Me desculpe, mas já que o senhor não diz dizendo, posso assim lhe contar a minha sina, vejo por seu rosto, por enquanto posso garantir que ainda vejo vendo um tiquinho, até quando não sei não..."

A maioria 16 dos contos de **O sabor da fome** foi escrita entre 2003 e 2004. Alguns datam de mais de 50 anos – estavam esquecidos no fundo da gaveta e, até bem recentemente, Salim nunca havia pensado em reeditá-los. A decisão de retomar esses exercícios da juventude veio da lembrança de uma conversa com Graciliano Ramos.

Divulgação

VISÃO Salim lia textos para um amigo cego e agora enfrenta o problema

"Em 1950, na Livraria e Editora José Olympio, no Rio de Janeiro, eu falando de Caetés e ele (Graciliano Ramos), que não gostava do livro para mudar de assunto perguntou 'e você o que faz?' e eu, 'tento uns contos'. Mestre Graça, com apenas três palavras, marcou-me para sempre: 'Não tente. Faça!' Passei a fazer e não parei mais. Publico os dois textos antigos nesse livro para que meu possível leitor avalie se valeu a fala do Mestre", lembrou Salim.

Salim faz parte daquele grupo de escritores que nunca deixa que o rigor formal se sobreponha à fluência narrativa, emperando o caminho dos personagens. O que importa é a fluência do texto, o que não pode ser confundido com desleixo da linguagem. O maior trunfo de um escritor é saber adequar os limites da sua linguagem. É essa a grande preocupação de Salim.

RETORNO

Na sua obra anterior, **Mare nostrum**, o escritor mais uma vez ficcionalizou suas memórias do interior de Santa Catarina, relatando a vida de personagens que vivem à beira de uma Cachoeira do Bom Jesus, no norte da ilha de Santa Catarina, em forma de um romance de diversas vozes. Desta vez, ele mais uma vez retorna à Biguaçu da sua infância. Há passagens ainda centradas no urbano de Florianópolis e do Rio de Janeiro, mas o que Salim parece gostar mesmo de fazer é transbordar o idílico da região rural, seguindo a grande lição de Tolstói: compreender o mundo a partir da sua aldeia.

Nessas narrativas curtas, Salim coloca na língua simples dos seus personagens grandes saberes literários, à moda de Guimarães Rosa, sem se prender em neologismos, armadilha que costuma soterrar os seguidores "roseanos". É o caso do trecho: "A memória, ah, a memória, ela é um poço sem fundo que escamoteia o que gostaríamos de resgatar e revela o que desejaríamos escamotear", ressaltando aqui o complicado limite entre invenção e lembrança.

A maioria dos contos de **O sabor da fome** é dedicada a amigos do escritor. Um deles, o polifônico Versões, foi dedicado ao editor-geral do JC, Ivanildo Sampaio.

» O sabor da fome (Salim Miguel): R$ 35, preço médio, Editora Record

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

034 - SARTORI, Raul. Presidente do BRDE, Cassildo Madaner, saudando o escrito Salim Miguel.... **A Notícia.** Florianópolis, 28 de maio de 2007. Anexo, pag. B8.

ANEXO

anexo@an.com.br • (47) 3431-9293

l Sartori

DIVULGAÇÃO

Presidente do BRDE, Casildo Maldaner, saudando o escritor Salim Miguel (tendo ao lado a mulher e também escritora Eglê Malheiros), que na última semana lançou dois livros no espaço cultural do banco, em Florianópolis

oia-
nau
a de
pri-
João
ama
endo
o, de
ções
tério

eição
aj). O
como
o dos
o

gresso
omete
s aces-
. Além
icas de
lterna-
iblicas,
vida de

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

035 O HOMEM solitário. **A Notícia**. Florianópolis, 11 de maio de 2007.

O HOMEM SOLITÁRIO

O jornal **A Notícia** publica hoje o conto "O Homem Solitário", do livro "O Sabor da Fome", de Salim Miguel, previsto para ser lançado em 23 de maio em Florianópolis, juntamente com uma reedição de "A Voz Submersa", ambos editados pela Record. O "Sabor da Fome" é uma reunião de 16 contos inéditos em livro.

A maior parte dos textos foi escrita em 2003 e 2004. Dois deles, "A Cigana" e "Ponto de Balsa", em fins do século 20. "Ponto de Balsa" foi publicado no "Suplemento Literário de Minas Gerais". Já "O Homem Solitário" e "Era Igual aos Outros" foram escritos há mais de 50 anos e foram publicados na revista "Sul".

Salim dedica "O Homem Solitário" a Walmor Cardoso da Silva, secretário da revista na época. O conto foi escrito em 1948, mas somente dois anos depois sairia nas páginas da "Sul".

Memória e imaginação são as bases da literatura de Miguel. Neste último livro, o escritor de 82 anos passeia pelo rural idílico, no retorno a Biguaçu de sua infância, onde morou dos 5 aos 19 anos, e pelo urbano, em Florianópolis e no Rio de Janeiro.

Escritor de olhos e ouvidos atentos, o libanês naturalizado brasileiro imprime em seus diálogos o sotaque, o ritmo das pessoas comuns, que ele transforma em personagens bem construídos e plausíveis. São assaltantes, policiais, espião infiltrado em grupo revolucionário, ciganos, gatos, gente humilde ou rica, narradas em primeira ou terceira pessoa. O espectro de interesse do autor é amplo, são todos e pode ser qualquer um, basta haver uma história para ser narrada.

um conto de Salim Miguel

Mirou o relógio. Ficou olhando os ponteiros. Depois as longas veias azuladas do pulso. O pêlo que lhe cobria inteiramente o braço, descendo até os dedos, estava eriçado. Os dedos eram longos, de uma transparência doentia.

Passou a mão pelo braço, numa carícia longa, calma e morna. Queria sentir que ainda estava vivo. Beliscou-se. Como é boa a sensação da vida. Eu tenho a impressão de estar agora, neste instante, nascendo. Aliás, a todo instante

água está sempre morna, tem um sabor indefinível, não lhe mitiga a sede. Talvez que não seja a água. Talvez sua sede não seja mitigável. É uma sede interior, não física, da cabeça, uma impressão sutil, nunca antes sentida, apenas que a imaginação constrói. De modo que a água não resolve sua situação, é preciso ele se convencer de que "não" está com sede. Procuremos não pensar nisto. Vamos mudar o rumo de nossa imaginação Se

igual ao que era quando melhorar, tenho a impressão de estar outra pessoa sonhando ou num porre enquanto que eu de dentro dela, como entrei não sei se olho para ela, a analiso, é confuso sei, eu dentro de "eu" mesmo que não sou eu, mas que fazer, é assim que sinto...

Corta o pensamento em meio a frases desconexas, fica vazio, sem pensar, ver, ouvir vazio tão-somente. Depois, de vagar, como quem volta de um sono hipnótico, olha pra tudo que o rodeia. As

região da dúvida libertadora. Se rira. Agora sabe. Era isto que a ele faltava. "Fazer viagens na dúvida libertadora."

Porém não teria caído no extremo oposto? Não estaria exagerando essa sua busca na dúvida? Então, não existiria nada mesmo, a face da terra que...? Também ele! Esses extremos de seu espírito! Essa...

– Mas então não queres nada? – A voz novamente. Se havia esquecido dela.

– Torna alguma coisa. Assim só irás piorar.

Aperta o computador. A luz jorra inundando o quarto, colhendo a escuridão, acuando-a para fora, para longe.

Tira o relógio de pulso, mira os ponteiros, depois a corrente, depois a marca deixada no pulso, coloca o relógio sobre a mesinha. Lembra-se de dar corda.

Dá. Coloca-o novamente no lugar.

Passos:

– Agora queres comer?

– Já disse que não.

UDESC-FAED-BICT- ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Gente ISTOÉ Dinheiro Planeta na web

REVISTA ▼ ONLINE ▼ FOTOS ASSINE LOJA 3 BUSCA OK

Livros

22/5/2007

CONTOS

O Sabor da Fome

Salim Miguel escreve sobre existências que lutam para não serem caladas

DIRCEU ALVES JR.

Envie esta matéria para um amigo

Leia também

- Cinema
- Exposição
- Música
- Livros
- Teatro
- Internet
- Televisão
- Gastronomia

No conto "Vestido de Seda 3", Salim Miguel apresenta uma mulher que mudou de cidade e de vida porque precisava, nos duros tempos da ditadura, se transformar em anônima para sobreviver. Hoje, em tempos mais brandos, a personagem necessita reafirmar a identidade perdida, mesmo diante de estranhos, para não se sentir morta. Histórias como esta, de pessoas que procuram desesperadamente reafirmar uma identidade, formam *O Sabor da Fome* (Record, 160 págs., R$ 29), compilação de 16 narrativas curtas, a maioria escrita na primeira metade da década de 2000, que representam a volta à superfície de Salim Miguel.

Salim Miguel: novo livro de contos e reedição de *A Voz Submersa*

O escritor libanês, radicado em Santa Catarina, se firmou como nome combativo contra a ditadura. Sua obra mais representativa, o romance *A Voz Submersa* (Record, 240 págs., R$ 36), acaba de ganhar reedição e traz uma ficção a partir de uma mulher que presenciou o assassinato do estudante Edson Luís no restaurante Calabouço, no Rio, em 1968. Não são poucos os elos entre *A Voz Submersa* a *O Sabor da Fome*. O que é presente em um, vira cicatriz viva no outro. Recordações, memórias e delírios presentes e passados estão nos contos em que Miguel exercita diferentes linguagens. Das lembranças infantis a partir do metafórico gosto da goiaba no melancólico "O Sabor da Fome 1" ao ousado realismo sem solução de "Assalto", Miguel diversifica linguagens, muitas vezes extrapolando o coloquial, para falar de pessoas com sede de comunicação. *O Sabor da Fome e A Voz Submersa estão diretamente ligados pelo silêncio*. Só que, nos dias atuais, a mordaça é outra.

Vozes de dois tempos ★★★

ASSINE JÁ!

Gente DIGITAL

FOLHEIE
A VERSÃO DIGITAL
DA REVISTA
ISTO É GENTE

CELEBRIDADE REAL

Ela é a Angelina Jolie ou sua sósia?

ADIVINHE

Sou filho de quem?

QUIZ

De quem é essa tattoo?

BELEZA

Brasileira faz

Salim Miguel em duas obras

Duas obras do libanês Salim Miguel são lançamentos da editora Record. "A voz submersa", publicado pela primeira vez em 1984, o romance surgiu após um hiato de 29 anos de distância entre o autor e o gênero. Escrito em apenas quatro meses, tem um ritmo febril de narrativa e se originou de uma observação real de Miguel. Em 1968, na escadaria da Câmara Municipal, ele vê o corpo do estudante Edson Luís Souto sendo carregado por uma multidão. A protagonista da história, Dulce, é a voz do autor romance; ao ver a morte, conta o caso para a mãe ao telefone. Salim debruça-se sobre o passado, os dramas da ditadura e o relacionamento humano.

Em "O sabor da fome" estão reunidos 16 contos inéditos do autor, a *mior* parte escrita entre 2003 e 2004. Dois deles, "A cigana" e "Ponto de balsa", no final do século XX. Em cada um, Salim Miguel utiliza um estilo narrativo diferente.

MONTAGEM FÁTIMA SIGALI

Lançamentos são da editora Record

Memória e imaginação são as bases de sua literatura; nesta obra ele passeia pelo rural idí?ico, no retorno à Biguaçu de sua infância (cidade catarinense onde viveu dos 5 aos 19 anos). Depois, segue para o meio urbano de Florianópolis e do Rio de Janeiro. Entre os personagens, há assaltantes, policiais, espiões infiltrados em um grupo revolucionário, ciganos, gatos, gente humilde e também rica.

1ª de agosto de 2007, Correio do Povo, P. A

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

037 - CASTELO, José. Obra Presta Homenagem ao escritor Salim Miguel. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 5 de jan. de 2002. Caderno 2 Literatura, p. D5

37

LITERATURA

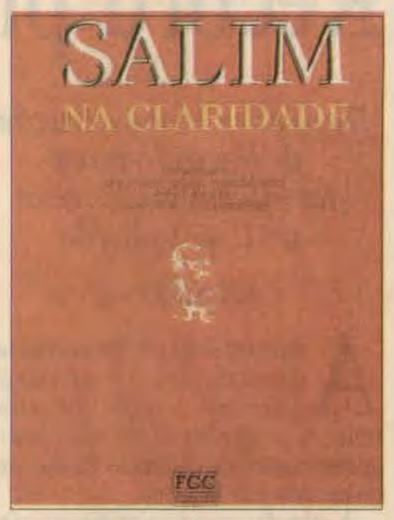
Obra presta homenagem ao escritor Salim Miguel

'Salim na Claridade' celebra os 50 anos de atividades literárias do ficcionista

JOSÉ CASTELLO

Divulgação

O escritor libanês, que se considera catarinense, é festejado no Estado com um livro que reúne 24 depoimentos sobre sua vida e obra, organizado por Flávio José Cardozo e editado pela FCC Edições



O mais celebrado escritor catarinense vivo, o ficcionista Salim Miguel, de 77 anos, acaba de completar 50 anos de atividades literárias. Salim, que na verdade não é catarinense, mas libanês, prefere que a ele se refiram apenas como "um escritor que escreve em Santa Catarina". Ainda assim, a data está sendo comemorada no Estado e a peça principal da festa é o lançamento do livro *Salim na Claridade*, reunião de 24 depoimentos sobre a vida e a obra do escritor organizada por Flávio José Cardozo e editada pela FCC Edições, a editora da Fundação Catarinense de Cultura. O primeiro livro de Salim, *Velhice e Outros Contos*, apareceu em 1951, em edição do autor, com um desenho de Edgar Koetz na capa. Seu romance mais recente, e também o mais celebrado, *Nur na Escuridão*, saiu em 1999 pela Top Books. Conta a história de uma família libanesa que, acompanhada por três crianças, chegou ao Brasil no dia 18 de maio de 1927 – a família de Salim Miguel.

Ainda em sua cidade natal, a minúscula Kfarssouroun, o escritor aprendeu a falar o árabe. Alguns anos depois, já em São Pedro de Ancântara, o primeiro núcleo de colonização alemã em Santa Catarina, onde a família se instalou, foi alfabetizado em alemão. Só em 1931, aos 7 anos, quando os pais se transferiram para Biguaçu, na Grande Florianópolis, Salim Miguel tomou, pela primeira vez, contato com a língua portuguesa. "Hoje, não falo nem árabe, nem alemão", ele se lamenta. "Durante alguns meses, meu pai ainda tentou me dar lições de árabe, mas eu me rebelei." Alguma coisa do árabe, contudo, ficou na literatura de Salim Miguel. Seu pai, Youssef, que era leitor de poesia, à noite, sempre em árabe, lia para o filho páginas das *Mil e Uma Noites*. "Elas, ainda hoje, ressoam dentro de mim", diz. O escritor acredita que, por influência do árabe, uma língua sinuosa e misteriosa, suas narrativas apresentam uma lógica quebrada, antilinear, arabesca mesmo, próprias da estrutura da língua paterna. Além disso, de um conto ou episódio quase sempre surge outro, uma história dentro de outra história. "É uma coisa realmente estranha esse meu desligamento do árabe", Salim admite. "Alguma coisa ele significa e algum sinal certamente deixou." Em seu artigo para *Salim na Claridade*, a professora Cristina Ayoub Riche ressalta que, em *Nur na Escuridão*, "praticamente não há um só capítulo do livro em que não apareça um termo árabe". A sintaxe de Salim Miguel, ela acrescenta, se aproxima bastante das frases nominais usadas em árabe, que acentuam a plasticidade das descrições.

Além disso, como observa o crítico Carlos Jorge Appel, a literatura de Salim está marcada "pela questão da identidade e da errância", que caracterizam a alma dos imigrantes. Appel aponta em Salim Miguel um eco da idéia de Paul Klee, segundo a qual cabe ao artista desvelar o invisível. "Ser autêntico significa mais do que saber copiar ou recriar o real, saber inventar esse real", o escritor concorda. Além disso, já em seu primeiro romance, *Rede*, de 1955, ele trazia nítida influência da literatura hispano-americana. As técnicas do contraponto, do fluxo de consciência, da duplicidade de sentido se acentuariam em *A Voz Submersa*, de 1984, lembra Appel – e a partir desse livro Salim abandonou em definitivo a influência regionalista para tomar uma rota universal. Em *Nur na Escuridão*, o fundo memorialístico se deixa impregnar pela fantasia, de modo que a invenção passa a presidir a lembrança, sendo a memória, agora, só uma matéria bruta a moldar. Salim não escreve para recordar, mas para construir problemas.

AOS 7 ANOS ELE CONHECEU A LÍNGUA PORTUGUESA

Entre os amigos, Salim Miguel é conhecido como o "Turco". Os descendentes de libaneses no Brasil são, hoje, mais de 6 milhões. Libaneses e sírios que para aqui migraram e seus descendentes diretos são, em geral, conhecidos assim, já que os dois países foram, durante longo tempo, dominados pelo império otomano. São muitos os "turcos" na literatura brasileira contemporânea: Raduan Nassar, Milton Hatoum, Bety Milan, Wally Salomon, Carlos Nejar, Jamil Snege, Mário Chamie, além do falecido Antonio Houaiss, só para citar alguns.

"A maior parte deles veio do Líbano, já que Beirute era considera a Paris do Oriente Médio", o escritor lembra. Salim nunca mais voltou ao Líbano. "Quando tive desejo de voltar, por causa da guerra, não era possível. Agora, quando a violência amenizou, perdi o interesse de ir. Meus irmãos foram e encontraram tudo exatamente como era, inclusive a casa em que meu pai e eu nascemos, em Kfarssouroun." Ainda assim, teme que a realidade o decepcione, preferindo manter intacto dentro de si o Líbano do ano de 1927. "Tolstoi dizia: fale de tua vila que estarás falando do mundo", recorda. Contenta-se, apenas, em ler alguma literatura árabe – em particular, o egípcio Nagib Mafouz e o paquistanês Tarik Ali, sempre nas traduções brasileiras. É, ainda, um leitor voraz das *Mil e Uma Noites*.

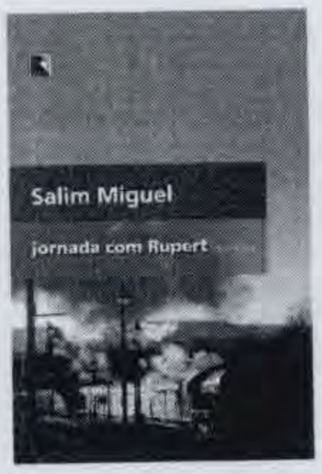
Fez parte da geração que, a partir de 1948, cresceu em torno da revista *Sul*, que durou uma década e da qual participaram Aníbal Nunes Pires, que a dirigiu, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino e sua mulher, Eglê Malheiros. O grupo – que lia Machado, Goethe, Sartre, Eça e Graciliano – era conhecido inicialmente como o Círculo de Arte Moderna, mas acabou mais simplesmente chamado de Grupo Sul. Entre outras tarefas, como recorda Walmor Cardoso da Silva, um dos integrantes, o jovem Salim era o encarregado de ir aos correios buscar a correspondência, que era depositada na caixa postal número 384, da revista *Sul*. "Salim se encarregava ainda de manter intercâmbio através das cartas", ele recorda, sendo que, até hoje, é tido como um colecionador, ou "guardador" de amigos. Mais tarde, Salim se tornou livreiro. Sua livraria, a Anita Garibaldi, fundada nos anos 50, foi mais conhecida como a Livraria do Salim, mesmo depois de negociada, no fim da década, com um intelectual do clandestino Partido Comunista Brasileiro. Na semana do Golpe Militar de 64, a casa foi incendiada. Os livros, carregados para a Praça 15 de Novembro, no centro de Florianópolis, onde foram queimados numa enorme fogueira por simpatizantes do golpe. Passou longo tempo exilado no Rio de Janeiro onde, ao lado de Cícero Sandroni, da mulher Eglê, de Laura Sandroni e de Fausto Cunho, dirigiu a revista *Ficção*, dedicada ao conto, que chegou a ter 40 edições. Foi no retorno a Santa Catarina que sua obra chegou à maturidade plena. Ainda hoje, quando lhe perguntam quem é Salim Miguel, responde: "Penso que basicamente sou um introspectivo e um tímido." *Nur na Escuridão* recebeu o prêmio de melhor romance brasileiro de 1999, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Artes. Salim Miguel acaba de receber também o prêmio nacional Zafary Bourbon, conferido durante a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, para o melhor romance dos dois anos anteriores. Ele o dividiu com o escritor Antonio Torres.

SERVIÇO

Salim na Claridade. *Organização de Flávio José Cardozo, prefácio de Iaponan Soares, com textos de Cremilda Medina, Edla Van Steen, Luiz Antonio de Assis Brasil, Fábio Lucas e outros. FCC Edições, 157 páginas. A encomenda pode ser feita através do email dirgeral@fcc.sc.gov.br, ou pelo telefone (48) 233-1599*

Gabriel Bouys/AFP

38



JORNADA COM RUPERT
Salim Miguel
Editora Record
176 páginas
Preço: R$ 22,00
Formato: 14 x 21 cm
ISBN: 978-85-01-08212-1

"Escrever ficção é, para mim, recuperar fatos, retrabalhá-los, eles passam a ser e não ser eles mesmos. Eu tento manter-me fiel ao projeto: reconstituir hábitos e costumes com os quais eu convivera." E é a partir do resgate de impressões e lembranças da infância, transcorrida em duas pequenas comunidades de imigração alemã no sul do Brasil, que Salim Miguel constrói a trajetória de uma família de colonos neste romance envolvente.

Na década de 1940, o inquieto e angustiado Rupert Von Hartroieg está de partida em um trem que o levará a uma nova etapa de sua vida. Enquanto observa a paisagem, Rupert vai revendo episódios do passado familiar e os principais personagens de sua própria história. Assim, acompanhamos a construção do casarão da família, levada adiante por seus avós, no século XIX, mesmo sob o perigo constante dos ataques dos índios. Ao mesmo tempo, descobrimos que essa pequena comunidade de imigrantes alemães está criando a cidade de Blumenau, uma colônia agrícola que, em pouco tempo, se transformará num núcleo industrial.

Ao narrar o dia-a-dia do clã Von Hartroieg, vamos conhecendo um pouco mais sobre Rupert, um jovem rebelde e independente, mas em eterno conflito com o pai, Herr Hans. O patriarca da família é simpatizante de Hitler e dono de uma fábrica de tecidos. Fritz, o filho mais velho, é seguidor do pai e trabalha com ele, mas secretamente admira os ideais de Rupert. Já Karla, a única filha, fica dividida entre a submissão ao pai e o desejo de liberdade.

Em meio a tragédias e amores não-correspondidos, Rupert vai contando a sua história de uma forma emocionante. Com grande maestria literária e usando diversos recursos estilísticos para narrar este romance, Salim Miguel nos oferece a saga de uma família durante um século de um Brasil ainda muito pouco conhecido.

Nascido no Líbano, em 1924, Salim Miguel passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis. Entre 1947 e 1957, participou do Grupo Sul, de Florianópolis; de 1976 a 1979, foi um dos editores da revista carioca *Ficção*; entre 1983 e 1991, foi diretor da Editora da UFSC; e de 1993 a 1996 dirigiu a Fundação Cultural Franklin Cascaes. Renomado jornalista, tem 30 livros publicados, entre contos, romances, crônicas e depoimentos. Por *Nur na escuridão* ganhou, em 1999, o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor romance e, em 2001, o Prêmio Zaffari & Bourbon na Nona Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Em 2002, recebeu o título de doutor *honoris causa*, da UFSC, e o Troféu Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores e da *Folha de S. Paulo*, como intelectual do ano. Pela Record lançou o romance *Mare nostrum*, finalista do Prêmio Jabuti de 2005, e *O sabor da fome,* em 2007; relançou *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, em 2005, e *A voz submersa*, em 2007; e relança, em 2008, o romance *Nur na escuridão*.

039 - SILVA, Deonísio da. Salim Miguel, outra vez em grande estilo. **Observatório da Imprensa**. Rio de Janeiro, 2008. 03 pag.

BLUMENAU, 1855

Salim Miguel, outra vez em grande estilo

Por Deonísio da Silva em 3/2/2009

***Jornada com Rupert*, de Salim Miguel, 174 pp., Editora Record, Rio de Janeiro, 2008**

Há um grande romance na praça, de leitura imperdível. Foi lançado em fins de 2008 e a correria de fim de ano impediu que recebesse toda a atenção que faz por merecer.

É da Editora Record, hoje um verdadeiro oásis para o escritor nacional. Sem alarde, a Record faz de outro modo, passadas tantas décadas, algo semelhante ao que fizeram José Olympio e Henrique Bertasso nos anos 1930, sem deixar de lançar livros estrangeiros de muito melhor desempenho comercial por razões óbvias, a principal das quais é que o escritor brasileiro ainda vive confinado ao fundo das livrarias, como se vivesse e escrevesse exilado em seu próprio país.

Jornada com Rupert, de Salim Miguel, é uma preciosidade. Naturalmente, ainda antes de abri-lo, o livro nos diz muitas coisas.

Salim Miguel, conhecido jornalista e escritor, já premiado pela Câmara Brasileira do Livro & *Folha de S.Paulo* com o prestigioso Prêmio Juca Pato, como Intelectual do Ano; pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e pela Universidade de Passo Fundo (RS), por *Nur na escuridão*, cujo tema solar ilumina a imigração árabe para o Brasil, é ainda doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina, prêmio concedido também a José Saramago. Poucos romancistas brasileiros desfrutam de tão importantes reconhecimentos.

Simpatizante de Hitler

Nascido no Líbano, alfabetizado em alemão, na pequena Biguaçu (SC), onde viveu sua infância profunda e sua adolescência, aos 23 anos, já em Florianópolis, integrava o Grupo Sul, marco da atividade intelectual em Santa Catarina, experiência importante na sociedade catarinense e brasileira entre 1947 e 1957.

O romancista catarinense tem tido, pois, desde os verdes anos, uma passagem memorável, não apenas pelas nossas letras, mas em muitos outros campos, perfilando-se sempre junto às boas causas, muitas das quais ele mesmo criou e liderou com sua conhecida doçura e seu espírito solidário. Basta dizer que não houve ainda, em qualquer editora universitária do porte da Editora da UFSC, um diretor capaz de repetir o estrondoso sucesso alcançado por ele entre 1983 e 1991, quando a dirigiu em circunstâncias muito adversas. Seu sucessor naquele posto, o também escritor catarinense Alcides Buss, soube continuar e reconhecer seu projeto – o que, aliás, é raro entre sucessores e antecessores em cargos semelhantes.

Esta não é uma resenha, sequer um comentário. Escreverei sobre o livro em outra oportunidade. Este é apenas um convite a que leitores e internautas: leiam *Jornada com Rupert*.

O protagonista do título é o jovem Rupert, filho de Herr Hans, simpatizante de Hitler e dono de uma fábrica de tecidos. Fritz admira o irmão, mas perfila-se junto aos ideais do pai. A irmã Karla, premida pela intuição feminina, que a faz ver com o coração coisas que a razão desconhece, fica dividida entre obedecer ao pai e exercer a liberdade.

Um passo à frente na qualidade

A pequena comunidade onde vivem é o germe de Blumenau, colônia agrícola que dá os passos profetizados por tantos estudiosos, no rumo do campo para a cidade e em pouco tempo se transformará num dos maiores pólos industriais, não apenas do Brasil meridional, mas de todo o país.

Por isso, não raro o romance ganha tom documental, como na p. 51. Ano: 1855.

> "Já faz cinco anos que o Dr. Blumenau chegou. E luta para trazer mais imigrantes. Em suas cartas fala na terra, no quanto é boa, nas oportunidades iguais que há para todos, só dependendo do esforço próprio. Aos poucos será atendido. Na Alemanha, o sábio Humboldt tudo faz para auxiliar seu amigo Blumenau. Os dezessete pioneiros já se transformaram em dezenas, logo serão centenas. Outras levas vão chegando, enfrentando a mata a ser desafiada pelos que fugiam da miséria na Europa, atendendo ao estímulo do farmacêutico Hermann Blumenau; aos alemães já se juntaram,

> por equívoco, os tiroleses que, ao contrário do esperado, só se entendiam na língua italiana."

Eu achava pouco provável Salim Miguel superar o desempenho de *Nur na Escuridão*. Pois, com *Jornada com Rupert*, ele deu um decisivo passo à frente na qualidade. E sabem qual foi este passo? O da concisão. O barroco Salim Miguel de *Nur na Escuridão* aproxima-se aqui do estilo conciso de um dos escritores que tanto admira: Graciliano Ramos.

Atividade criativa

Numa nota final, ele lembra que as primeiras anotações para o romance começaram em 1948. Fez três versões do romance nos anos 1940. Devemos à sua esposa, a também escritora Eglê Malheiros, que mandou digitar o antigo original, e ao filho Paulo Sérgio Miguel, que aconselhou o pai – "mexendo bastante vai dar" –, a retomada do projeto.

Com seu habitual humor, mesmo em meio às trapaças que a vida lhe interpôs, Salim conversa com Rupert, de quem discorda, quando o personagem o critica por deixar os "turcos" e "ocupar-se dos alemães".

As pessoas de todas as etnias que para cá vieram tornaram-se brasileiros e este é o milagre de nossa complexa e riquíssima identidade nacional. Que belo romance, Salim Miguel nos trouxe! Com o entusiasmo de menino que ainda hoje toma conta de suas almas, não será surpresa se outros livros aparecerem.

Salim Miguel, nascido em 1924, está em plena atividade criativa. E com isso ganhamos todos nós.

40

Comentário publicado no blog FURBservador (http://furbservador.blogspot.com/2008/11/algumas-horas-com-salim.html) em 14/11/2008. Por Túlio Vidor.

Algumas horas com Salim

Bueno,

Duas boas novas:
1-Restabeleceu-se meu sinal de internet e isso me facilita por demais as coisas.
2-Salim Miguel esteve aqui e lançou seu novo romance.

Ontem, após aquilo que, em dados momentos, chamou-se de "dilúvio" (e que nos olhos dos participantes tinha o exagero diminuído), a comitiva do Salim Miguel apresentou-se com algum atraso aos presentes no auditório da biblioteca. Após superar as dificuldades do percurso Floripa-Blumenau, Salim e sua esposa Eglê externavam bom humor. Foram recebidos pelo Vice Reitor, Romero Fenili, e sempre acompanhados pelo Viegas. Na platéia, as histórias do autor mantinham atentos servidores da FURB, estudantes e colegas escritores, como Urda Alice Klueger e Maicon Tenfen.
Salim começou a fala, não abordando o livro e nem a história de vida, mas protestando quanto a um tema bastante relevante. Disse não entender, como os governadores do "sul maravilha" são justamente os que encabeçam a resistência quanto à fixação do piso salarial para a carreira docente. Essa é uma medida de abrangência nacional e poucos governadores se pronunciaram em protesto, entretanto entre os poucos estão os três governadores da região sul. Salim fez referência ao nordeste brasileiro, onde considera-se que a situação é mais precária e os estados mais carentes, numa realidade em que, do norte-nordeste apenas um governador se coloca em desagrado. A crítica foi feita, de forma clara, e durante a palestra sustentada pela posição do autor de que a cultura e a educação são as áreas onde por último se investe, mas são as principais constituintes da história de um povo.
Então Salim contou um pouco sobre sua história como escritor, o processo de produção dos seus textos, desenvolvimento dos personagens, seu relacionamento com os leitores, além de apresentar "Jornada com Rupert", o lançamento da noite (assim como a 5ª edição de Nur na Escuridão). Muito do que o escritor abordou, está publicado na entrevista que concedeu ao Viegas, publicada no Sarau Eletrônico, entretanto a forma vívida com que Salim se expressa, arrancou sorrisos e manifestações de simpatia do público em diversos momentos.
Após a fala, Salim respondeu a algumas perguntas e concedeu uma sessão de autógrafos.
Particularmente, sempre considerei importante conhecer os autores daquilo que leio (e, frquentemente, me pego lendo após conhecê-los). O contato com o ser humano, em um contexto onde o objeto não é um produto revisto e por vezes acabado, permite uma maior riqueza da análise e atribui um significado diferenciado ao texto propriamente dito. Sinto-me mais íntimo. Nesse sentido, a visita do Salim foi especialmente agradável. Por conta do problema de visão, implicando inclusive em dificuldades de locomoção, trazer o Salim de Florianópolis e sua apresentação tão disposta, além do relato tão humano e envolvente tornaram o evento realmente imperdível. E teve gente que perdeu.
Parabéns à equipe do Sarau Eletrônico, Edifurb e demais setores e servidores envolvidos no lançamento e na visita do Salim.

041 - MARTINI, Rafael. A Reinvenção dos Salim. **Diário Catarinense**, 07 de jun. da 2011.

RAFAEL MARTINI

Acompanhe o visor no blog www.diario.com.br/visor, www.twitter.com/visordiario e www.facebook.com/visordiario

(48) 3216-3546
rafael.martini@diario.com.br

A REINVENÇÃO DOS SALIM

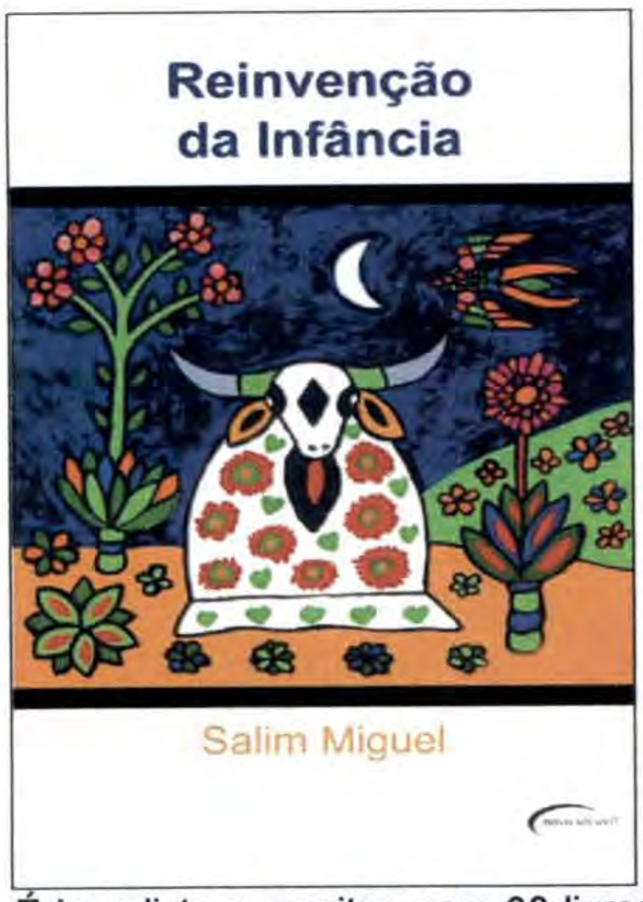
Mauriceia Faria, sentada ao lado do Salim Miguel, é neta de um dos personagens do novo livro do escritor, *Reinvenção da Infância*, que será lançado quinta, no BRDE. Salim Antonio Kaiter, avô dela e xará do autor, era conhecido no colégio como o Salim Gordo. O encontro Miguel e Mauriceia foi na Escola José Brasilício, a mais antiga de Biguaçu, onde o escritor e seu colega foram alfabetizados. O romance mistura memórias da infância de Miguel em Biguaçu com ficção.

CHARLES GUERRA

ZÉ DASSILVA

Reinvenção da Infância

Salim Miguel



Um menino vem com sua família de um país distante para o interior de Santa Catarina, onde passa a infância e a adolescência. Seu primeiro amigo é um "bugrinho" que perdeu seu chão, enquanto o "turquinho" busca um novo chão. Num misto de realidade e fantasia, o autor tenta recuperar as emoções e os folguedos daqueles anos; são pequenos capítulos focados em incidentes que compõem uma educação sentimental, a par da lenta descoberta de seu estar no mundo. Intencionalmente o protagonista não tem nome próprio.

Página por página acompanhamos tanto seu choro na escola, envergonhado com os elogios da professora, quanto a decepção de não reencontrar o patacão que vira brilhar no barro do caminho ou a alegria irresponsável ao navegar pela cidade durante as calamitosas enchentes.

Sobre o Autor:

Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924 e chegou ao Brasil com a família em 1927. É jornalista e escritor, com 30 livros publicados. Estreou em 1951 com Velhice e outros contos. Primeiro de abril – Narrativas da cadeia mereceu o prêmio da União Brasileira dos Escritores em 1994. Nur na escuridão foi eleito Melhor Romance do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte em 1999. A mesma obra mereceu o prêmio Zaffari-Bourbon, concedido durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, em 2001. Foi eleito pelo jornal Folha de S. Paulo e pela UBE Intelectual do Ano em 2002 e recebeu o troféu Juca Pato. Também em 2001, foi agraciado com o título de doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2009, a Academia Brasileira de Letras concedeu ao autor o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. O autor passou a infância e adolescência em Biguaçu, interior de Santa Catarina, considerando-se um líbano-biguaçuense. É essa história que ele conta em Reinvenção da infância.

Serviço

REINVENÇÃO DA INFÂNCIA
Páginas: 128
Preço: R$ 32,90
Formato: 14X21
Acabamento: brochura
ISBN: 978-85-7679-465-3
Assunto: Romances, Literatura brasileira

Contatos

Assessoria de Imprensa
Souza Franco
Comunicação
adriana@souzaranco.com
Fone: (11) 4177-5821
Fone/Fax: (11) 4365-173

Editora Novo Século
Marketing
marketing@novoseculo.com.br
Vendas
vendas@novoseculo.com.br
Fone/Fax: (11) 3699-7107
Twitter:www.twitter.com/novoseculo
Site: www.novoseculo.com.br

novo século
www.novoseculo.com.

Notícias do Dia

FLORIANÓPOLIS, **FIM DE SEMANA, 4 E 5/6/2011**

Plural

EDITORA: NÉRI PEDROSO
neripedroso@noticiasdodia.com.br
@neripedroso_ND

Literatura.

Novo livro de Salim Miguel mistura vida e ficção, fazendo um percurso lúdico sobre o passado

Páginas 6 e 7

Inventário da infância

ROSANE LIMA/ND

Literatura. **Novo livro do escritor aborda período emblemático da vida e mistura ficção e realidade**

Todas as infâncias de Salim Miguel

> *Nada sai do nada, por mais diferente que seja o livro, sempre tem a vida do autor.*
>
> SALIM MIGUEL, ESCRITOR

DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasdodia.com.br
@dari_ND

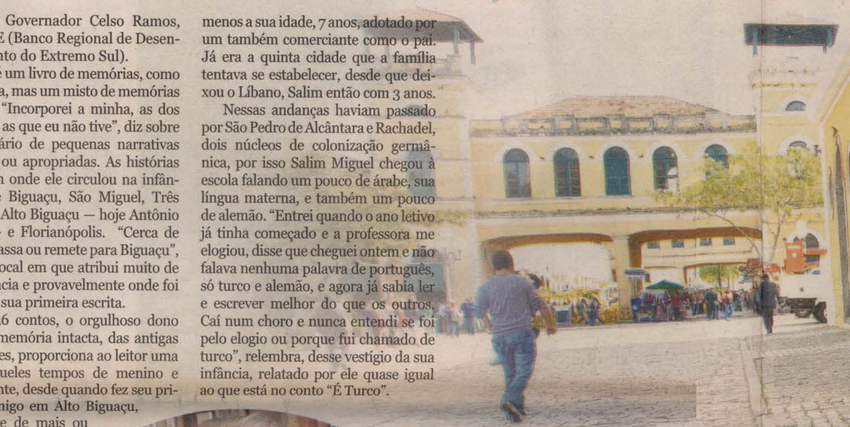
FLORIANÓPOLIS — O escritor Salim Miguel não dispõe de fotos do passado em Biguaçu. "Não tenho nem da infância e nem da adolescência. Naqueles tempos ainda não tinha fotógrafo em Biguaçu", disse. Porém na sua mente, povoam tantas lembranças, que ele conta de inúmeras formas, acrescentando ou recriando, com uma riqueza de detalhes que até torna dispensáveis os registros de imagens.

É nessa linha que Salim, autor premiado, chega ao seu 31º livro fazendo o inverso literário e físico. Em 1951 o jovem autor estreou com "Velhice e Outros Contos" e agora, em 2011 e aos 87 anos, apresenta "Reinvenção da Infância", publicado pela Novo Século e com lançamento no próximo dia 9 deste mês, no Espaço Cultural Governador Celso Ramos, do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul).

Não é um livro de memórias, como ele afirma, mas um misto de memórias e ficção. "Incorporei a minha, as dos amigos e as que eu não tive", diz sobre o inventário de pequenas narrativas próprias ou apropriadas. As histórias se situam onde ele circulou na infância entre Biguaçu, São Miguel, Três Riachos, Alto Biguaçu — hoje Antônio Carlos — e Florianópolis. "Cerca de 70% se passa ou remete para Biguaçu", explica, local em que atribui muito de sua vivência e provavelmente onde foi forjada a sua primeira escrita.

Em 36 contos, o orgulhoso dono de uma memória intacta, das antigas às recentes, proporciona ao leitor uma visita àqueles tempos de menino e adolescente, desde quando fez seu primeiro amigo em Alto Biguaçu, um bugre de mais ou menos a sua idade, 7 anos, adotado por um também comerciante como o pai. Já era a quinta cidade que a família tentava se estabelecer, desde que deixou o Líbano, Salim então com 3 anos.

Nessas andanças haviam passado por São Pedro de Alcântara e Rachadel, dois núcleos de colonização germânica, por isso Salim Miguel chegou à escola falando um pouco de árabe, sua língua materna, e também um pouco de alemão. "Entrei quando o ano letivo já tinha começado e a professora me elogiou, disse que cheguei ontem e não falava nenhuma palavra de português, só turco e alemão, e agora já sabia ler e escrever melhor do que os outros. Caí num choro e nunca entendi se foi pelo elogio ou porque fui chamado de turco", relembra, desse vestígio da sua infância, relatado por ele quase igual ao que está no conto "É Turco".



EDU CAVALCANTI/AP/DIVULGAÇÃO

ROSIANE LIMA/ND

Arte de passear. Salim Miguel nesta semana retornou a lugares na Capital em que viveu histórias relatadas no livro

Cegueira e fome de leitura

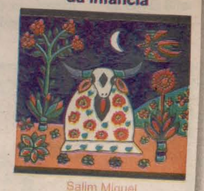
Salim Miguel começou cedo na literatura, entre 8 e 9 anos, lembra também em sua obra, do primeiro livro que leu inteiro: "O Tronco do Ipê", de José de Alencar. E também de quando chegou para a professora com dois versos lidos em um almanaque, e ditados de cabeça. Um era de Machado de Assis "A Carolina" e outro de Cruz e Sousa.

Descobriu com João Mendes, um poeta cego e dono de um estabelecimento entre livraria e papelaria, que ambos tinham fome de leitura. "Ele pegava uns 50 livros em consignação, vendia alguns e depois mandava para editora para pedir outros, mas a gente lia todos os 50. Tinha literatura boa, mas muita coisa ruim, mas aos bons se devem os bons livros e aos maus saber o que não se deve fazer", ensina o escritor.

Há 60 anos, ele lançava "Velhice e Outros Contos", produzido com fragmentos de histórias que escutou quando, por necessidade, participou do censo demográfico em 1950. "Reinvenção da Infância" não tem nenhuma ligação com a obra da velhice, ao contrário, dialoga mais com os livros posteriores por trazer referências de suas próprias histórias e repetir personagens, características de seu estilo literário. "São perfis de pessoas que conheci. No meu segundo livro, por exemplo, já aparece o preto velho Ti Adão (de "Reinvenção...")", diz. "Nada sai do nada, por mais diferente que seja o livro, sempre tem a vida do autor", completa.

Trabalhado entre outubro de 2009 e maio de 2010, "Reinvenção ..." é o terceiro livro ditado por Salim, uma necessidade desde que sua visão foi afetada em quase 70%, uma prática já incorporada quando ganhou o Prêmio Machado de Assis em 2009, uma distinção máxima concedida pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra.

Reinvenção da Infância



Salim Miguel

Memórias do Grupo Escolar Lauro Müller

O livro "Reinvenção da Infância" segue uma estrutura de mosaico, constituído de pequenas histórias que podem ser lidas em ordem ou de maneira independente. Em terceira pessoa, o leitor é conduzido às aventuras juvenis, entre relatos de família, vizinhanças, festas, vida escolar, brincadeiras, amores e molecagens. No tempo do escambo, que não se vendia por dinheiro e sim por outras mercadorias, lembra do pai, o Seo Zé, enchendo a carroça de alimentos da terra para trocar na Capital, voltando carregado de produtos industrializados. "Era sal, sabão, querosene, vela de sebo", diz. Uma vez, com o pai doente, teve que vir 'a cidade', pagar as contas e fazer encomendas. Pegou o ônibus sozinho, desceu na lateral do prédio da Alfândega, onde eram as paradas de coletivos. Cumpriu o pedido e depois, ainda com tempo, resolveu andar pela cidade, onde havia morado em 1936 e 1937 para estudar no Grupo Escolar Lauro Müller. "Pulávamos o muro para ir jogar bola no campo do Bush", recorda. "Mas agora estou vejo o muro e não lembrava que era tão alto", atesta, quando visitou a escola na qual não entrava há 30 anos. "Sempre quando passo de carro eu falo a mesma coisa, a Eglê (Malheiros, sua mulher) diz que está cansada de ouvir que estudei aqui", comenta.

A história de uma luta fantástica com um de seus colegas está em "Lição Dois". "Começamos a briga na escadaria do Rosário e fomos passando por uns quatro lugares nos estapeando. Tinha um que ficava cuidando e avisava se aparecia alguém. No colégio das moças, o Coração de Jesus, terminamos a briga e nos tornamos amigos", lembra. A revanche ansiosamente aguardada na escola nunca ocorreu.

- **O quê:** Lançamento de "Reinvenção da Infância", de Salim Miguel
- **Quando:** 9/6/2011, 19h
- **Onde:** Espaço Cultural Governador Celso Ramos – BRDE, av. Hercílio Luz, 617, Centro, Florianópolis, tel. 3221-8100
- **Quanto:** R$ 32,90 (livraria). No lançamento, preço promocional, não divulgado

Paixão pela sala escura

O novo trabalho do escritor Salim Miguel é tão imagético quanto outros textos, como "Nur na Escuridão", prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) em 1999. Característica talvez expressa em sua obra no tempo em que roteirizou romances com a mulher Eglê Malheiros, inclusive do primeiro longa catarinense "O Preço da Ilusão", feito em 1957, ainda no calor do Grupo Sul, apontado como o introdutor do modernismo em Santa Catarina.

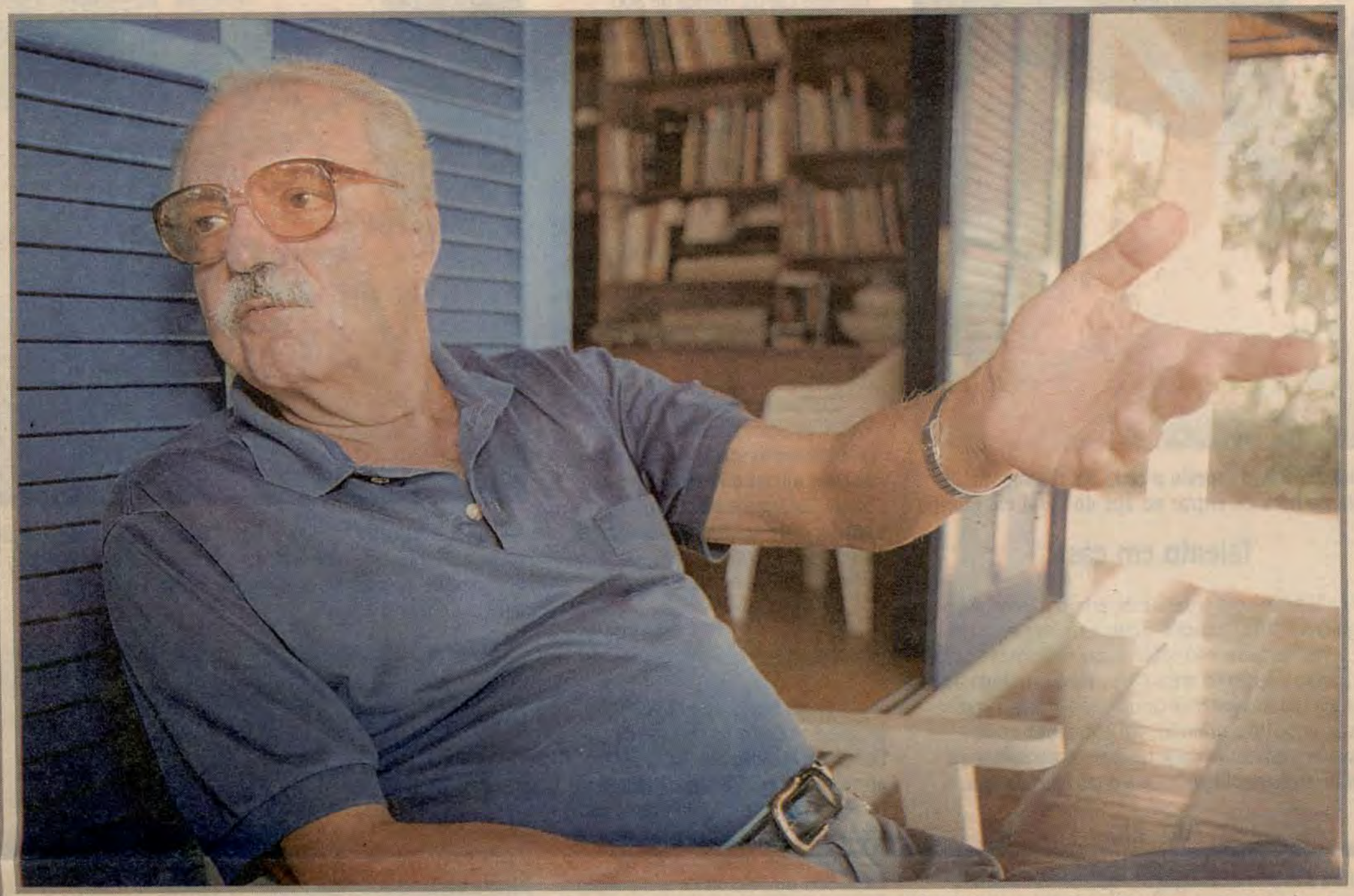
"Me apaixonei pelo cinema e só deixei porque trabalhava no Rio de Janeiro das 8h às 18h e depois saía e já entrava em outro e ia até as 23h. Eu e a Eglê chegamos a roteirizar dois livros, mas ela também era dona de casa, mestranda, fazia tradução. Não tínhamos tempo", conta sobre o seu exílio no Rio de Janeiro, durante a ditadura, tempos ricos para o jornalista, que trabalhava na editora Bloch, e editava a revista de contos "Ficção". "No Rio ampliei minha visão de mundo, até então centrada em Biguaçu e Florianópolis. Conheci pessoas da literatura, da música, pintura, cinema", pontua.

É no cinema que se passa o conto "A Sala Escura" de sua nova obra. Anunciada uma projeção de filme no Casarão Born, em Biguaçu, lá estava Salim com os irmãos para ver pela primeira vez as imagens em movimento. A cópia era ruim e os rolos foram trocados na hora da projeção, o que fez com que "índios ressuscitassem e um rifle sem carregar matasse mais de 30 peles-vermelhas. Gostava muito de cinema, ia ao Cine Roxy assistir faroestão e os seriados, passados em episódios e que sempre terminavam num ponto alto para a gente vir no outro dia ver a sequência", conta.

EXÍLIO
Na avaliação do autor, mudança para o Rio de Janeiro ajudou a ampliar sua visão de mundo

045 - BIANCHINI, Fábio. Muitos anos de anotações: Salim Miguel divulga seu novo livro, estrangeiros – releituras, que traz 25 textos

DANIEL CONZI/DC/FLORIANÓPOLIS



MEMÓRIA PRESERVADA: Em seu quinto trabalho deste tipo, escritor comenta as observações das leituras que fez de autores estrangeiros

LANÇAMENTO

Muitos anos de anotações

Salim Miguel divulga seu novo livro, *Estrangeiros – Releituras*, que traz 25 textos comentados

FÁBIO BIANCHINI

O escritor Salim Miguel lança hoje das 17h30min às 21h30min, na livraria Letra Contemporâneas, seu novo livro, *Estrangeiros - Releituras*. São 25 textos em que ele comenta suas anotações a respeito das leituras que fez de vários autores.

Este é o quinto livro do tipo que Salim publica. O primeiro, *Castelo de Frankenstein - Anotações sobre Autores e Livros*, saiu em meados dos anos 80 e, assim como os dois seguintes, dedicava-se a escritores brasileiros e de outras nacionalidades, especialmente os hispano-americanos. O quarto, *Aproximações - Leituras e Anotações*, lançado no ano passado, também pela editora Letras Contemporâneas, reunia comentários acerca apenas de autores nacionais. *Estrangeiros - Releituras*, então, como o título indica, é voltado aos de outros países. E ele já anuncia, para março, o próximo da série: *Gente da Terra*, já em fase de revisão, será sobre a literatura catarinense.

Salim explica que, quando reuniu-se com Fábio Brüggemann, da editora, para decidir o título do livro, chegou a pensar em *Estrangeiros Nem Tanto*, principalmente por causa da inclusão dos autores portugueses Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago. "Portugueses, para mim, não são estrangeiros", brinca o escritor. Mas chegaram à conclusão de que não funcionaria e optaram pelo subtítulo *Releituras*. "Porque são escritores para quem eu volto sempre", diz.

Entre esses referenciais estão Eça, cujo texto foi originalmente publicado em 2000, quando completaram-se 100 anos de sua morte, o argentino Jorge Luís Borges e Ernest Hemingway, ambos com centenários de nascimento completados em 1999. Também são lembrados o mexicano Juan Rulfo, o uruguaio-argentino Horacio Quiroga, o moçambicano Miguel Torga, o argentino Ernesto Sabato, entre outros, inclusive poemas gregos.

As anotações incluídas ao longo do livro são de diversas épocas, mas as duas mais recentes foram publicadas no *Diário Catarinense*. São *Revisitando o Mestre: Agostinho Silva* e *A Obra Poética de Rodolfo Alonso*. Para fechar o livro, Salim Miguel escolheu suas anotações sobre *As Mil e Uma Noites*. "Sou fascinado por essas histórias desde antes de ser alfabetizado. Meu sempre lia as histórias para mim e, logo que aprendi a ler, comecei a revisitá-las. Tenho-as em mais de uma edição, inclusive na única que saiu na íntegra, traduzida diretamente do árabe, nos anos 50", lembra.

***Estrangeiros - Releituras** - Salim Miguel (Letras Contemporâneas). 144 páginas, R$ 25*

Compartilhando a experiência da leitura

Salim Miguel faz questão de ressaltar que os textos de *Estranegiros - Releituras* não são crítica literária. "Considero-me mais uma pessoa que não se satisfaz com a leitura, anota transforma em texto", ressalta. Ele recorda que, desde que foi alfabetizado, gostava de, à medida em que lia, fazer anotações a respeito. "Muita gente faz isso, mas eu nunca escrevi nas margens dos livros. Sempre preferi ter um caderno ou bloco", diferencia. Nessas notas, descrevia suas impressões sobre a leitura, destacava os trechos e aspectos que mais o impressionavam.

Mais tarde, quando começou a escrever ficção, passou também a transformar as anotações sobre a leitura em textos mais elaborados. "Lá pelos 20 anos, paralelo às minhas primeiras crônicas e contos, já publicava também esses outros textos", conta. Ainda assim, demorou cerca de quatro décadas para decidir reuni-las em livro. "Custei a achar que valeria a pena. Não era tudo que tinha essa certa permanência necessária à compilação", explica.

"Nunca escrevi nas margens dos livros. Sempre preferir ter um caderno ou bloco"

Para o escritor, a principal razão de publicar essas anotações é exatamente a oportunidade de compartilhar a experiência da leitura. "No começo, eu costumava comparar minhas notas com as de meus amigos", lembra Salim. Ele fala, então que o objetivo dos livros é exatemante o mesmo. "O que eu gosto de fazer com esse tipo de texto é convidar as pessoas a conhecerem esses autores de quem estou falando e que achei tão interessantes. Motivar o leitor a concordar ou discordar de minhas opiniões e análises sobre as obras, como se eu estivesse conversando com cada um deles sobre nossas leituras", fala.

GRUPO FT
SEGURANÇA E SERVIÇOS
Telesegurança 24h
www.ftseguranca.com.br
(47) 431 0200

Vídeo enfoca Hermann Blumenau, pioneiro da colonização do Vale do Itajaí. **PÁGINA 3**

Anexo

NÃO JOGUE O JORNAL NO LIXO
PAPEL É RECICLÁVEL

QUINTA-FEIRA • 4/12/2003

SANTA CATARINA

Escritor Salim Miguel lança hoje, na Capital, "Estrangeiros — Releituras", no qual compartilha suas impressões literárias

Anotações preciosas

DELUANA BUSS

Florianópolis — O escritor Salim Miguel, 79 anos, tem um hábito que o acompanha desde as primeiras leituras, ainda na infância. Munido de caneta e uma folha de papel em branco, ele vai anotando, enquanto lê, suas impressões sobre a obra. "Não consigo rascunhar no próprio livro", explica. Os apontamentos, onde estão tanto pontos positivos quanto falhas encontradas, servem de pauta para conversas com a mulher Eglê Malheiros ou com amigos. Agora essas mesmas anotações estão na base de seu novo livro, "Estrangeiros — Releituras" (Letras Contemporâneas), que está sendo lançado na noite de hoje na Capital.

Ali estão mais de 20 textos, muitos já publicados em jornais ou revistas, falando de escritores estrangeiros como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, José Saramago, Jorge Luis Borges, Ernest Hemingway. Escrito em primeira pessoa, parece um depoimento de Salim para os leitores. Ele aproveita para traçar um bom perfil de cada personagem/escritor, citando inclusive alguns dados pessoais e detalhes sobre algumas obras já publicadas por eles. Em vários o autor conta como foi seu primeiro contato com esses nomes conhecidos. "Já disse, na conversa anterior, mas não custa repetir foi em Biguaçu, aos 12 anos, que tomei conhecimento de Eça de Queirós. Quase na mesma época, um pouco antes, um pouco depois, de Machado de Assis. Creio, embora não tenha absoluta certeza, foi na livraria do poeta cego João Mendes", escreve ele.

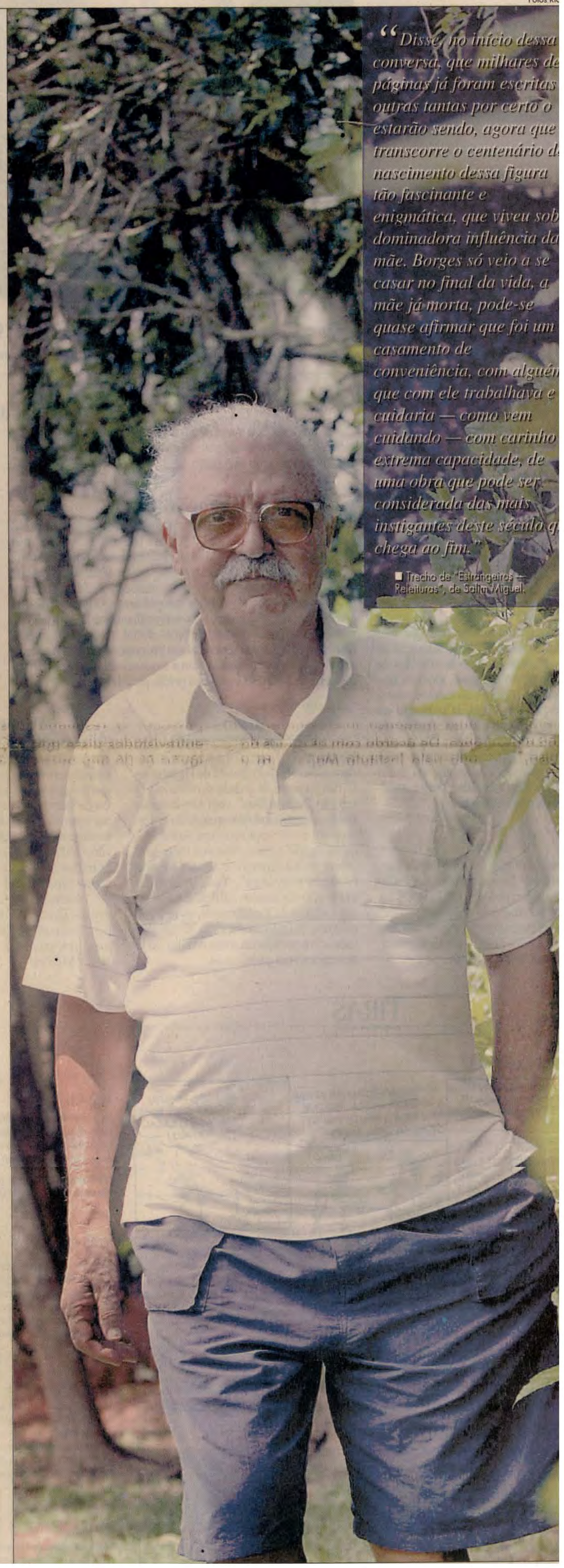
Esse é seu quinto livro na linha "anotações". Nos anteriores, ele já havia explorado escritores catarinenses, brasileiros e hispano-americanos. Com os "estrangeiros", Salim confirma que realmente é um leitor compulsivo. "Todos os textos que estão ali são de livros que já reli várias vezes", conta. A cada nova passada de olhos, novos detalhes que antes haviam passado despercebidos passam a ser notados. "Quando um livro me toca, não me satisfaço com a primeira leitura". Entre os mais perscrutados estão "Dom Casmurro", de Machado de Assis, e "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes, lidos cada um mais de dez vezes. "Um grande livro é aquele que possibilita releituras", acredita.

PLANOS

Instalado em sua casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da Ilha, num lugar sossegado com muitas árvores e barulho de pássaros, Salim tem aproveitado boa parte do tempo para ler e escrever. Autor do premiado "Nur na Escuridão" (Topbooks), romance publicado em 1999 e que já está esgotando a terceira edição, Salim está com dois outros livros prontos. "Gente da Terra", com perfis e anotações sobre personalidades e livros de Santa Catarina, deve ser lançado em março de 2004. Já a ficção "Mare Nostrum" deverá chegar no mercado no segundo semestre do próximo ano. "São 20 textos onde o tema principal é o mar, e onde circulam dezenas de outros personagens", adianta. Ele também já tem projetos de outros quatro livros, entre eles um sobre o período em que esteve exilado no Rio de Janeiro.

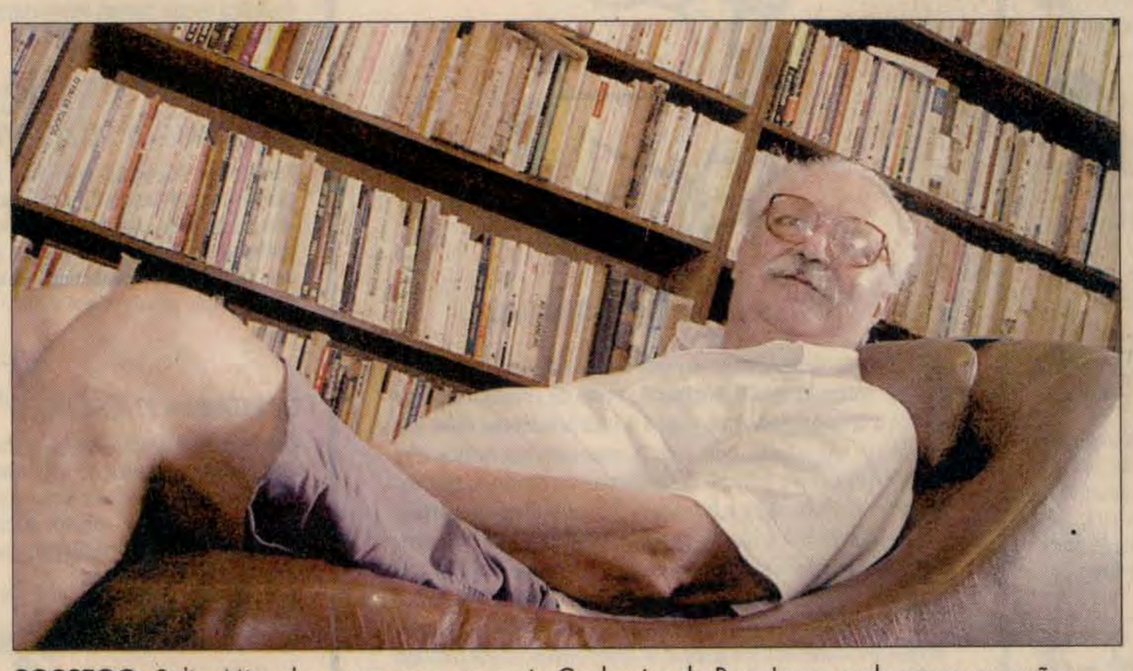
Nascido no Líbano, Salim chegou em Santa Catarina ainda criança. Morou muito tempo em Biguaçu, e atualmente está com residência fixa na Carvoeira, bairro de Florianópolis próximo à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pai de cinco filhos — três morando em Brasília, um no Rio de Janeiro e outro em São José —, Salim é também jornalista, tendo trabalhado durante 40 anos na imprensa. Foi um dos fundadores do Grupo Sul e da revista cultural "Sul", que circulou de 1948 a 1957, trazendo material internacional e abrindo espaço para o modernismo em Santa Catarina.

■ O QUÊ: Lançamento do livro **ESTRANGEIROS — RELEITURAS**, de Salim Miguel. QUANDO: hoje, 17h30 às 21h30. ONDE: Livraria Letras Contemporâneas, rua Brigadeiro Silva Paes, 33, centro, Florianópolis, tel.: (48) 223-0945. QUANTO: R$ 25,00 (exemplar).



"Disse, no início dessa conversa, que milhares de páginas já foram escritas outras tantas por certo o estarão sendo, agora que transcorre o centenário de nascimento dessa figura tão fascinante e enigmática, que viveu sob dominadora influência da mãe. Borges só veio a se casar no final da vida, a mãe já morta, pode-se quase afirmar que foi um casamento de conveniência, com alguém que com ele trabalhava e cuidaria — como vem cuidando — com carinho extrema capacidade, de uma obra que pode ser considerada das mais instigantes deste século q chega ao fim."

■ Trecho de "Estrangeiros — Releituras", de Salim Miguel.



SOSSEGO Salim Miguel em sua casa, na praia Cachoeira do Bom Jesus, onde passa os verões

047 - ÁVILA, Roberta. Mais um dp emocionado Salim: autor catarinense chorou, feliz ao lançar fantasia e (é) realidade ou treze textos surreais, com o amigo Tércio da Gama. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24 de jun. de 2012. Geral pag. 42

LITERATURA DE SC

Mais uma do emocionado Salim

Autor catarinense chorou, feliz, ao lançar *Fantasia e (é) Realidade ou Treze Textos Surreais*, com o amigo Tércio da Gama

ROBERTA ÁVILA

Com lágrimas nos olhos, o escritor Salim Miguel, 88 anos, recebeu amigos e familiares para o lançamento de seu livro de contos *Fantasia e (é) Realidade ou Treze Textos Surreais*, no Centro Cultural do BRDE, em Florianópolis, na sexta-feira. São textos inéditos e resgatados de outras obras do escritor.

EDU CAVALCANTI

Para autografar os livros, Salim Miguel usou carimbo com o nome dele e de Tércio, que fez as ilustrações

Apesar de debilitado fisicamente, Salim Miguel segue fazendo o que sabe de melhor

– Fica mais difícil com os problemas de saúde, mas escrever é o que eu sei fazer. Continuo criando. Tenho outro livro pronto, mas ainda não tem título. Não quero que seja lançado em 2012, porque já estou lançando este, é suficiente, mas no primeiro semestre do ano que vem quero lançar o próximo – afirmou.

Salim passou mais de um mês internado, entre fevereiro e março deste ano, depois de sofrer uma queda doméstica que lhe causou um edema cerebral. A recuperação continuou lenta depois que o escritor deixou o hospital, mas segue constante. Ao lado de dois filhos, e um neto e muitos outros familiares, amigos e até mesmo políticos, como o deputado federal Esperidião Amin, presente no lançamento, ele fez uso de um carimbo com a sua assinatura e a de Tércio da Gama, artista plástico e ilustrador da obra, para "autografar" os livros. O uso do carimbo foi comemorado pela família como mais um passo na recuperação de Salim, que ainda recupera a força dos braços. A única ausência sentida foi a da escritora Eglê Malheiros, esposa de Salim, que está doente. Juntos, eles são considerados os responsáveis por trazer o modernismo para Santa Catarina.

O escritor fez questão de se cercar da presença de Tércio da Gama. Aos 78 anos, ele também não quer nem ouvir falar de aposentadoria.

– Levei seis meses para fazer, com bico de pena e nanquim, as ilustrações do livro de Salim. É uma honra fazer parte do projeto de um escritor que é da história de Santa Catarina, como ele – conta Tércio.

Imagens feitas após a leitura dos contos

Ele fez questão de ler cada conto e tentar traduzir a realidade fantástica das histórias em forma de imagens.

Admirador da obra de Eli Heil, Tércio acredita que está pintando mais do que nunca e expõe no BRDE, até o dia 13 de julho, os quadros que produziu nos últimos três anos. O artista abriu mão de desenhar antes de começar os quadros e parte para a tela direto com as tintas. Para o ano que vem, planeja uma exposição com mais de 200 obras no Museu de Arte de Santa Catarina. Quem sabe até lá o novo livro de Salim esteja publicado e os dois façam, de novo, uma dobradinha para os lançamentos.

roberta.avila@diario.com.br

048 - MARTINI, Rafael. Salim Miguel de olho no futuro. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 24 de jun. de 2012.

RAFAEL MARTINI

Acompanhe o visor no blog www.diario.com.br/visor, www.twitter.com/visordiario e www.facebook.com/visordiario

(48) 3216-3546
rafael.martini@diario.com.br

ZÉ DASSILVA

EDSON MACHADO/AGÊNCIA RBS

ze.dassilva@diario.com.br

OS EX-FUTUROS POLICIAIS

Três alunos-agentes da Polícia Civil serão indiciados por roubo, Artigo 157, além da abertura de sindicância para expulsão da corporação. O trio, que frequenta o curso de formação policial na Academia de Polícia, em Canasvieiras, rendeu um vendedor em frente a uma casa noturna, aplicando-lhe uma gravata, depois o algemaram e levaram a vítima até o carro para pegar, acredite, três ingressos para a balada.

◆◆◆

Ao ser informado sobre o caso, depois que a vítima registrou BO na 7ª DP, o delegado-geral Aldo Pinheiro D'Ávila ficou fulo da vida com o comportamento deles, que já recebem R$ 2,5 mil por mês em estágio probatório, além de hospedagem na Acadepol. Atualmente, 421 pessoas estão em fase de preparação para serem incorporadas à Polícia Civil. Agora, possivelmente, este número caia para 418.

EDU CAVALCANTI

SALIM MIGUEL DE OLHO NO FUTURO

Fantasia e (é) Realidade ou Treze Textos Surreais já é coisa do passado para o mestre Salim Miguel, 88 anos. Durante a sessão de autógrafos do seu livro, sexta, o expoente da literatura catarinense confidenciou que pretende lançar outra obra até meados de 2013.

PÉ FORA

Dentro de 15 meses, deve acontecer a maior renovação no quadro de servidores da história da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É que mais da metade (52%) dos cerca de cinco mil funcionários terão direito à aposentadoria.

CUCA FRESCA

Raimundo Colombo sancionou a lei que decreta o município de Arabutã, no Alto Uruguai, como a Capital Catarinense da Cuca. Ah, a proposição foi da Assembleia.

CHANCELER ENÓLOGO

A escolha dos vinhos catarinenses servidos aos presidentes e chefes de Estado no jantar de encerramento da Rio+20 foi indicação do ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. Mas a palavra final coube ao *chef* francês Claude Troigros, que assinou os pratos e a harmonização com a bebida.

SEGUE...

Aos presidentes, foi oferecido o Vila Francioni Chardonay Lote II. Para os ministros, o Joaquim Tinto. Na dúvida, foram compradas 30 caixas, com seis garrafas cada.